

QUEM ÉS TU, QUE ENCHES O MEU CORAÇÃO COM A TUA AUSÊNCIA?

(P. Lagerkvist)

Meditações e Testemunhos durante
o Tríduo Pascal da *Gioventù Studentesca*

Rimini, 29-31 de março de 2018

Mensagem de saudação, de Julián Carrón

31 de março de 2018

Caros amigos,

não consigo pensar em vocês sem me comover, identificando-me com o momento tão bonito e tão dramático que vocês atravessam na vossa idade. Como gostaria de estar perto de vocês!

É um período em que vem ao de cima «o mistério eterno do nosso ser» de que fala Leopardi.

Sei que às vezes o aparecimento nas vossas vidas deste grande mistério vos desconcerta, de tal forma transborda por todos os lados, de tão imenso que é, a ponto de não conseguirem dominá-lo.

«Quem és tu, que enches o meu coração com a tua ausência?», diz Lagerkvist.

Mas é precisamente a possibilidade de perceber essa ausência, este “mistério do nosso ser”, o recurso mais importante que vocês receberam, como um presente dado à vossa natureza de homens: o *detector* para descobrir aquilo que responde realmente à vossa espera. Ernesto Sabato entendeu-o bem: «A nostalgia desse absoluto é como um pano de fundo, invisível, incognoscível, mas com o qual medimos toda a vida».

Fico sempre espantado quando penso que Jesus apostou tudo no coração dos dois primeiros que encontrou nas margens do Jordão, no coração como critério de juízo: «Vinde e vede».

Falando-lhes assim, Jesus reconheceu que tinham a capacidade de entender aquilo que respondia ao seu desejo ilimitado de felicidade, tornando-os conscientes da sua própria dignidade.

Ao mesmo tempo, colocou-os perante um desafio sem comparações: não podiam fazer batota. Nem com o coração deles, nem com aquilo que lhes corresponde, uma vez encontrado.

Convidando-os a ir com Ele, ofereceu a João e André a possibilidade de descobrirem o alcance da Sua amizade, tão decisiva para alcançarem a felicidade que procuravam, sem Se substituir à liberdade deles. Aliás, desafiando-a como mais ninguém poderia ter feito, de tanto que a atração da Sua presença encurralava o coração deles.

Desafio-vos a encontrarem uma aventura mais fascinante do que esta!

Boa Páscoa

O vosso companheiro de caminho Julián

Introdução, Pigi Banna

29 de março, quinta-feira à noite

«Para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa» (Jo 15,11)

Quanto nos falta, quanto desejamos a experiência de sermos realmente amados, de sermos preferidos, únicos aos olhos de alguém! Quando Maria, uma rapariga da vossa idade, recebeu o anúncio do anjo que lhe disse: «Tu serás a mãe de Deus»,¹ sentiu-se preferida, escolhida, como mais ninguém no mundo.

Daquele momento em diante, mais ninguém era tão seu amigo, nem mesmo a sua mãe ou José, o seu noivo. Um “Desconhecido” era o seu amigo. «Um desconhecido é o meu amigo», alguém que ela tinha acabado de encontrar, mas que já estava a revolucionar toda a sua vida graças àquele olhar de preferência que tinha enchido o seu coração. O seu coração estava cheio de saudades: «Por ele o meu coração está cheio de saudades». Queria vê-lo. «Quem és tu, que enches o meu coração com a tua ausência?»²

Peçamos que cada um de nós faça nestes dias a experiência de sentir-se único aos olhos de alguém, de modo a que o nosso coração fique cheio de saudades deste nosso Amigo Desconhecido, que nos conhece melhor do que nós mesmos, como aconteceu com Maria.

Angelus

«DE QUE FALTA É ESTA FALTA?» (M. Luzi)

«De que falta é esta falta, / coração, / que num repente dela / ficas cheio?» escreve o poeta Mario Luzi.³

Todos os dias nos atarefamos com mil coisas, de compromisso em compromisso, entre a escola, o tempo livre, os encontros, e mesmo assim, quando menos esperamos, de repente, o coração faz ouvir a sua voz: ainda falta alguma coisa. Mesmo quando conseguimos completar a *check-list* das coisas que tínhamos programado fazer para ter uma vida boa (e só poucas vezes conseguimos), quando parece que temos tudo, ainda falta alguma coisa. Quem de nós nunca fez esta experiência? Muitos de vocês escreveram isso nos vossos contributos. Leio um:

«A pergunta do título do Tríduo é bem acertada, porque este tem sido um período muito cheio para mim, bonito. Por isso, estou muito bem. A escola corre bem, eu gosto, apaixonou-me, vejo até os resultados deste trabalho. Comecei a estudar canto e estou a aprender a tocar. Estas são as coisas que eu prefiro fazer e que faço melhor. Com os amigos tem sido cada vez mais uma descoberta, e consigo partilhar as dificuldades do estudo; em suma, tudo perfeito.

No entanto, quando estou sozinha, quando chego à noite e todas estas coisas passaram, parece que quase não as vivi, por causa daquele “nada”, daquele mistério que fica dentro de mim. Com o que é que o preencho, se nem as coisas mais concretas parecem conseguir dar-me satisfação?»

Pode acontecer no regresso no sábado à noite, ou no domingo de manhã, quando temos dificuldade em nos levantarmos da cama, porque sentimos uma estranha amargura em nós; bem no meio de uma festa, ou durante um período de estudos muito intenso: aparentemente tudo está bem, no entanto há algo de errado; não fora de nós, mas em nós. Tomada por uma sensação de vazio desgastante e pesado, a pessoa não consegue entender o que é, não consegue lidar com essa coisa que tem em si.

Descreve-o Jovanotti na canção *Sbagliato* [Errado]: «Pastores errantes [...], / Errados / Desorientados /

¹ Cf. Lc 1,29-33.

² P. Lagerkvist, «Uno sconosciuto è il mio amico», do livrinho com os textos utilizados durante o Tríduo da GS, p. 4; pode ser descarregado no formato pdf no site de CL. De agora em diante, *Livrinho*.

³ M. Luzi, «Sotto specie umana», em *Livrinho*, pp. 5-6.

Desde o dia em que nos atiraram / Para esta terra onde se consome / A nossa vida, breve como espuma». ⁴ Errados: é como nos sentimos quando nos apercebemos desta coisa que não corre bem; errados, porque nos parece que só nós é que temos, no nosso coração, este “defeito de fábrica”. Como canta De Gregori: «Pobre de mim! [...] / Olho à minha volta e são todos melhores do que eu». ⁵ Vocês deviam ler os vossos contributos um a um, porque falam justamente dessa falta! Não és só tu quem a tem, amigo: cinco mil pessoas estão aqui hoje porque a têm. Não deve ser uma coisa errada, se também todos os poetas, os escritores, os cantores, que vocês podem encontrar citados no livrinho, falam dela. Esta falta não é um mal-estar de alguém, mas é o problema da vida. Diria mais: é o que dá dignidade à vida. ⁶

Fizemos o sacrifício de vir aqui – e estou feliz por ver assim tantos amigos, dou-vos as boas vindas – para termos um lugar no qual poder olhar, não como a uma doença, para esta sensação de vazio, de falta, que nos assalta quando menos esperamos, que nos torna tão incompreensíveis, e mesmo assim tão únicos; que às vezes nos faz sentir sozinhos, mas que na verdade nos une a todos de uma maneira mais profunda.

Vamos cantar *La ballata dell'uomo vecchio*. ⁷ sem medo e sem vergonha, deixemos sair toda a tristeza que há em nós, o amor de que não somos capazes, o desejo – que parece impossível – de ver Deus e “de lhe dizer umas coisinhas”. Não é uma doença, mas a verdade de nós.

Ballata dell'uomo vecchio

ANTES SÓS DO QUE ERRADOS?

Por que nos sentimos errados quando sentimos esta falta? Por que ficamos incomodados com o nosso mal-estar? Carrón dizia aos universitários em novembro passado: «É como se este mal-estar se tornasse num peso que muitas vezes carregamos em cima de nós». ⁸ Quando é assim tão forte o peso da vergonha, surge a tentação de nos isolarmos, como diz o poeta Ciampi: «A tentação / de sentar-se para não mais se levantar», ⁹ como escreve uma de vocês:

«Muitas vezes sinto que meu coração tem um buraco profundo, uma ausência impossível de colmatar, que desde sempre reprimo instintivamente.

Reprimo talvez por orgulho, talvez porque dou mais atenção à vida e aos problemas dos outros, em vez dos meus próprios; talvez porque as pessoas que me rodeiam sempre me viram como a forte, a que não tem problemas ou que, se os tem, encontra a solução sem pedir ajuda a ninguém.

Mas a minha vida é completamente o contrário disto. Quando, no fim do dia, me acontece repensar no que vivi durante o dia, a única coisa que consigo fazer é começar a chorar. Choro, porque esta ausência que sinto e que reprimo se torna cada vez mais forte. Quanto mais a reprimo, mais a sinto. Esta ausência corresponde ao meu desejo de ser aceite pelas pessoas que me rodeiam, com quem cresci nestes anos.»

Por que razão é que esta amiga chora? Porque não consegue reprimir totalmente esta sensação de vazio; quanto mais tenta reprimi-la, mais a sente. Mas por que razão tentamos reprimi-la? Por que razão a sentimos como uma vergonha? Ela diz-nos: antes de mais, pela fixação que temos em agradar aos outros. Somos levados a esconder o aspecto mais frágil de nós, porque tememos que, se os outros descobrissem que à noite, fechando a porta do nosso quarto, desatamos a chorar, eles nos abandonariam. Não só iríamos desiludir as suas expectati-

⁴ Jovanotti, «Sbagliato», em *Livrinho*, pp. 4-5.

⁵ F. De Gregori, «Povero me», em *Livrinho*, p. 5.

⁶ Cf. L. Giussani, *Appartenere a Cristo oggi: «A nossa vida não tem dignidade se, em si, não traz resposta a este grito: temos de viver para responder a este grito»*, em *Livrinho*, p. 6.

⁷ C. Chieffo, «Ballata dell'uomo vecchio», em *Livrinho*, p. 6.

⁸ J. Carrón, *Fu guardato e allora vide*, em *Livrinho*, p. 9.

⁹ P. Ciampi, «L'assenza è un assedio», em *Livrinho*, p. 7.

vas, como eles nos deixariam sozinhos. Nós crescemos com este caruncho em nós: temos de agradecer aos outros, temos de ser aceites pelos outros.

Um de vocês escreveu-me que os pais, durante uma discussão, o ameaçaram: «Olha que se tu não mudares, nós abandonamos-te!» Mas a mesma situação pode acontecer também com os amigos. Não o dizem explicitamente, mas se tu fazes determinadas afirmações, se vestes determinadas roupas, é como se o olhar deles dissesse: «Assim tu fazes-nos passar vergonha, tu não és dos nossos; se não estiveres à nossa altura, deixamos-te». A propósito de não corresponder às expectativas, abro e fecho aqui o capítulo “professores”: se tu não passares no exame, se não fores bem na prova oral, «sinto muito, tu não estás à altura da nossa turma, da nossa escola», dizem. E assim, uma pessoa acha que tem de estar sempre à altura dos outros, das expectativas dos outros. Ficamos como que enterrados vivos dentro das imagens de perfeição que os adultos e os amigos projetam em nós. Tu não podes errar, não podes ser frágil. Se tens um problema – como dizia a nossa amiga –, deves resolvê-lo sozinho, porque um amigo bom, um filho bom, um aluno bom é aquele que não dá problemas, que não incomoda. Se tu fazes perguntas, «fazes-nos perder tempo, estragas o serão».

Mas, como dizia a nossa amiga, o nosso coração não se pode enganar; quanto mais reprime esta exigência, mais a sente. Então, o que fazemos? Quando não conseguimos resolver sozinhos esta sensação de vazio que temos, quando temos vergonha de falar dela com os amigos porque achamos que seremos rejeitados, o que fazemos? O que é que normalmente fazemos? Isolamo-nos. Em vez de nos sentirmos errados aos olhos dos outros, isolamo-nos, imaginando que mais cedo ou mais tarde este “momento negativo” vai passar, esperando, como disse Balzac, numa «vida apagada e cinzenta, na qual os sentimentos fortes demais eram desgraças e na qual a ausência de qualquer emoção era uma felicidade».¹⁰

Este é o grande risco de hoje. E assim, depois de termos respondido formalmente a todos que estamos bem, que estamos a dar conta; depois de termos mostrado a todos o nosso melhor perfil, como se vivêssemos num *social*, fechamo-nos em nós mesmos esperando que passe, quase como se pudéssemos bloquear todos os contactos com a realidade tal como se bloqueiam os contactos do *WhatsApp*. Tentamos construir um muro à nossa volta, como descreve uma amiga nossa:

«Quando acredito que dei uma resposta a qualquer pergunta, esta volta sempre [volta sempre! Quanto mais a reprimes, mas ela irá voltar] e a procura deve recomeçar. Estou farta. Até acima.

À minha volta, construí um muro invisível bastante mal feito, construído por mim própria de cada vez que me é útil uma barreira, que de vez em quando cai e depois é reconstruída, mas cada vez com mais rachas. Este muro, que isola a maioria das coisas à minha volta, deixa entrar algum som apenas de vez em quando, através daquelas pequenas rachas».

Nós estamos aqui esta noite para desmascarar algumas mentiras. A primeira diz respeito à inutilidade do isolamento. Cada um de vocês pense para si mesmo: depois de terem construído esse muro, depois de terem bloqueado os contatos, depois de se terem isolado, vocês resolveram o problema? A falta foi-se embora? O vazio desapareceu? Não; de facto, mais cedo ou mais tarde, voltam. Isolar-se não adianta de nada, e por isso vocês fizeram bem em não se isolarem durante estas férias, fazendo o sacrifício de virem aqui.

Mas depois, quem se isola, é mesmo mais maduro, mais livre? Não! Aliás, como nos diz Dom Giussani: «O homem está só, e portanto [torna-se] *dominável*; [...] prisioneiro de quem, de alguma maneira, se apresenta mais forte do que ele».¹¹ Todos acham que pensam pela sua própria cabeça ao isolarem-se, mas depois – se repararem bem – vestem-se todos da mesma maneira, pensam todos da mesma maneira. Os solitários, «tristes frágeis e deprimidos [...] têm o orgulho / de se bastarem a si mesmos»,¹² escreve Gaber; acham que assim resolvem os problemas, mas no fim acabam por pensar como toda a gente. Quem pensa que é original isolando-se é como um homem a quem «cortaram os braços e a pernas», como diz Saint-Exupéry, que se

¹⁰ H. de Balzac, *Il curato di Tours*, em *Livrinho*, p. 7.

¹¹ L. Giussani, *Appartenere a Cristo oggi*, em *Livrinho*, p. 7.

¹² G. Gaber, «I soli», em *Livrinho*, p. 8.

acha livre de poder caminhar, mas assim «se torna [apenas] gado manso, educado e tranquilo».¹³ Uma pessoa pensa em isolar-se e ser assim mais livre, mas na realidade apenas se torna mais escrava. Esta é a primeira grande mentira. O preço do isolamento não é a liberdade, mas a escravidão.

Há um homem na história que nos lembrará para sempre a mentira do isolamento, um homem que se isolou e acabou por pensar como todos os outros. Trata-se de Judas, cuja traição ao seu melhor amigo, Jesus, nós relembramos hoje. Não entendendo o comportamento de Jesus, em vez de perguntar isolou-se, afastou-se, e poucas horas depois passou a pensar como todos os Seus inimigos, ao ponto de vendê-Lo por algumas moedas. Eis o preço amargo do isolamento: perder, trair o que temos de mais querido na vida. Vamos levantar-nos e ouvir a descrição da traição de Judas.¹⁴

Vamos ouvir *Amicus Meus*. «Amigo meu, com um beijo me trais. / [...] / Teria sido melhor para ele se aquele homem nunca tivesse nascido. / O infeliz deixou cair o preço do sangue / e foi enforcar-se».¹⁵ Não é uma canção escrita ontem, exprime uma sensibilidade musical diferente da nossa, mas tem a força de não nos deixar ficar na superfície dos sentimentos; vão ver como é cadenciada cada palavra: é como um golpe de martelo sobre a superficialidade com que nos tratamos, que nos faz retomar o contacto com a verdade sobre nós mesmos. Meu amigo, porque te isolas? Vamos sentar-nos e ouvir.

Amicus Meus

«DE QUE VALE A VIDA, SENÃO PARA SER DADA?» (P. Claudel)

Vocês ouviram como soava a palavra «infeliz»? Quem se isola, como Judas, não só trai, como no fim é infeliz. É infeliz porque não pode fazer batota com o seu coração durante muito tempo. Como disse o Papa, «o coração não pode ser editado no Photoshop»:¹⁶ quanto mais o reprimo, mais faz ouvir a sua voz. Há um contato que nunca poderá ser bloqueado: aquele com nós mesmos, com o mistério que somos. Judas olha para aquele monte de dinheiro e pensa: «O que é que eu fui fazer?!». Há um coração que, mesmo quando tu erras, funciona bem, que não está errado!

Além disso, há uma segunda mentira que se insinua na nossa forma de raciocinar: achar que somos errados, porque temos um problema que não conseguimos resolver com as nossas forças. Nós somos levados a acreditar que uma pessoa é boa, não é errada, quando sabe responde sozinha às suas necessidades, quando sabe pôr tudo em ordem sozinha. Sabem quem sabe fazer isso? Os animais, que sabem resolver sozinhos os seus problemas; de facto, não se fazem perguntas, vivem e basta. Há em nós, porém, algo maior. A grandeza do homem, a dignidade do homem está no facto de que há problemas dentro de nós que não sabemos resolver sozinhos. E isto não é um sinal de derrota.

Até o meu cão sabe resolver sozinho muitos problemas, é de uma raça especial, muito inteligente. Não é por acaso que se chama Aristóteles, “Ari” para os amigos: distingue muitos nomes, faz exercícios de inteligência, chamados *problem solving*. Sabe fazer coisas incríveis: dá-lhe um triângulo e ele sabe pô-lo dentro de outro triângulo, o círculo dentro do círculo, e tens sempre premiá-lo com aquilo que lá em casa chamamos de “salsichinha”, ou seja, uma pequena salsicha, e assim ele continua a resolver os problemas. Estão a perceber bem que nós podemos tratar a nossa vida como a do meu cachorro? Tenho uma oral para fazer, resolvo o problema e recebo um prémio: «Pai, a viagem; pai, a saída». Faço um serviço em casa: espero um prémio. Conquisto a rapariga: tenho de receber um prémio. E também pensamos em Deus como um *problem solving* da nossa falta. Vo-

¹³ A. de Saint-Exupéry, «Un senso alla vita», em *Livrinho*, p. 7.

¹⁴ Cf. Mt 26,20-25: «Ao anoitecer, Jesus pôs-se à mesa com os Doze. Enquanto comiam, disse: “Em verdade vos digo, um de vós me vai entregar”. Eles ficaram muito tristes e, um por um, começaram a perguntar-lhe: “Acaso sou eu, Senhor?” Ele respondeu: “Aquele que se serviu comigo do prato é que me vai entregar. O Filho do Homem vai-se, conforme está escrito a seu respeito. Ai, porém daquele por quem o Filho do Homem é entregue! Melhor seria que tal homem nunca tivesse nascido!” Então Judas, o traidor, perguntou: “Mestre, serei eu?” Jesus lhe respondeu: “Tu o dizes”».

¹⁵ T.L. De Victoria, «Amicus Meus», em *Livrinho*, pp. 9-10.

¹⁶ Francisco, «Angelus, 21 de janeiro de 2018», em *Livrinho*, p. 11.

cês dão-se conta de que assim nos tratamos como cães? Não só nos tratamos assim, mas também nos deixamos tratar assim.

Mas há qualquer coisa em nós que não conseguimos resolver como os cães. O coração humano tem qualquer coisa que não se deixa resolver pelas nossas soluções. Isto será uma fraqueza, ou será que não é, talvez, a coisa maior que cada um de nós tem e que nos diferencia dos cães? A segunda mentira, portanto, é sentirmo-nos errados porque pretendemos conseguir resolver por nós mesmos este vazio, conseguir encontrar uma solução para os nossos problemas, sem nos darmos conta de que a coisa maior (não a coisa mais errada!) é justamente o facto de termos estes problemas, como dizia uma rapariga a um amigo meu na aula de religião, deixando todos sem palavras: «Mas Professor, tu podes achar que és um falhado porque não consegues fazer uma coisa, porque a vida não é como tu querias, mas o facto é que, enquanto pensas e dizes isso, tu és alguma coisa, tu existes!», ou seja, tu és maior do que as tuas derrotas. Tu és alguma coisa que não sabes, que mistério tu és!

A saudade que sentimos em nós, mais do que ser um peso do qual nos envergonhamos por não encontrarmos a solução, é a força da vida, o que nos distingue dos cães, o que nos permite não nos contentarmos. Quem responde? O problema, como Jacqui Treco diz em *Be still, my heart*, é se nós transformamos em pedido a coisa que não conseguimos resolver, se não a olhamos como um “azar”, mas como a coisa mais preciosa que temos. Porque se estiveres quieto, é verdade que não te vais queimar, vais sentir um bocadinho menos dores; mas, se ficares quieto, nunca vais saber completamente por que estás a arder.¹⁷ A jornalista Marina Corradi descreve de forma magnífica como é que descobriu que aquele vazio, aquela ferida que sentia dentro de si, na realidade era a coisa maior da sua vida:

«Desde a adolescência, e talvez até antes, sempre tive a ideia de ter nascido com alguma coisa errada. Alguma coisa que não funcionava como devia, como se eu fosse uma casa e esse erro fosse uma racha profunda numa parede-mestra; como se eu fosse uma barragem, e esse erro fosse uma brecha pela qual a água podia penetrar. Parecia-me que os meus amigos não tinham essa racha, ou então que não devíamos falar dela, que devíamos mostrar-nos serenos, positivos, vencedores ou talvez até irritados, mas só com a sociedade, o Estado e a ordem constituída, ou seja, para com algo de exterior. Eu, no entanto, não estava zangada com o mundo [...]. Estava em mim, esse corte que me lembrava a tela rasgada daquele quadro de Fontana. Enfim, mas era evidente que não devíamos falar disso. Era o mal de viver descrito numa poesia de Monatale: “Era o riacho estrangulado que borbulha, era a folha ressequida, era o cavalo abatido”, estudámos na escola – mas ninguém na turma levantou a dúvida se estava a falar de nós. Desde pequena que eu me olhava no espelho de manhã, sorria para mim, pensava na minha falha e dizia: chega, estás preocupada com o quê, és jovem, és bonita. Ao crescer, porém, esta racha parecia aumentar, negra na minha parede interior branca. Alargou-se, transformou-se em melancolia: depois tornou-se patológica, depressão severa. Fui a alguns médicos, trataram-me, senti-me melhor; depois novamente, intermitentemente, a racha evidenciava-se, doendo, e sussurrava: tu não estás curada [...]. Li Mounier. “Deus passa pelas feridas”, escreveu. E refleti sobre isso: “Será que a minha racha era uma brecha numa parede impermeável, um rasgo necessário?” Depois esqueci-me, atenta em dosear com cuidado remédios sempre novos [...]. Dor como que por uma falta irremediável, como que por uma radical e tormentosa saudade [...] Há tempos conformei-me em não procurar mais um nome para a minha racha. Está lá, e, diria eu, mais aberta e mais escura. Mas esta noite, lendo-a, aquela frase tocou-me no ponto mais

¹⁷ «Se estás quieto, nunca saberás completamente por que estás a arder» (J. Treco, «Be still my heart», em *Livrinho*, p. 11).

*dorido, e comoveu-me. Por quê esta ferida? Se ela não existisse, eu fisicamente saudável, eu não pobre, eu sortuda, não precisaria de nada. É uma salvação, aquele muro rachado, aquela falha, através da qual um jorro de graça, incontrolável, pode entrar e fecundar a terra árida e dura».*¹⁸

Não só não adianta de nada isolarmo-nos (primeira mentira), porque isso nos torna mais escravos; não só um coração com esta ferida não está errado (segunda mentira), porque é ela um recurso, o sinal da nossa grandeza; mas, mais ainda, «a nostalgia desse absoluto é como um pano de fundo, invisível, incognoscível, mas com o qual medimos toda a vida»,¹⁹ como escreve Ernesto Sabato. Quer dizer, esta ferida é o instrumento, a arma com que descobres se uma pessoa é tua amiga ou não, e não algo de que nos envergonharmos diante dos amigos.

Podemos, portanto, reconhecer uma terceira mentira, que diz respeito à amizade. Nós achamos que agradamos aos outros escondendo esta nostalgia: teremos mais amigos se não incomodarmos e assim poderemos ser aceites e preferidos. Porém, se medirmos tudo com esta nostalgia, poderemos entender quem é amigo de verdade e quem não é. As pessoas que te abandonam se tu mudas, diante das quais tens sempre de usar uma máscara, não são amigos, mas agiotas das nossas emoções. Quando, porém, tu manténs aberta esta ferida, quando não te envergonhas dela, mas olhas para ela como sendo a parte mais verdadeira de ti, então é és tu quem manda passar aqueles amigos que te fazem sentir inadequado e te abandonam, porque não precisas para nada de amigos assim! Desmascaras a mentira da falsa amizade: a amizade por contrato.

Graças à ferida que há em ti, procuras um amigo que possa estar à altura daquilo que tu sentes como mais problemático, mais incompreensível, mais misterioso, mais por resolver na tua vida, porque o amigo não é alguém com quem tu fazes um contrato sobre as emoções, mas é quem te conhece melhor do que tu próprio. Claro, não te tira a ferida, não faz uma “limpeza gástrica” aos teus maus humores, como às vezes pensamos também que a religião deve fazer: «Estou mal e, aqui encontro um consolo». A amizade verdadeira é aquela que te permite, finalmente, olhar para a tua ferida com simpatia. Percebes se alguém é um verdadeiro amigo se te faz sentir livre, tu mesmo, levado totalmente a sério, ainda que tenha acabado de te conhecer. Com ele sentes-te em casa.

Chester Bennington, dos Linkin Park, tinha percebido que esta nostalgia era o critério para encontrar um verdadeiro amigo, alguém que o amasse assim como ele era: «Quero curar-me, quero [...] / sentir-me próximo de alguma coisa verdadeira / quero encontrar aquilo que sempre desejei / um lugar ao qual pertencer».²⁰ Que aflição é pensar que não o encontrou e que, em julho passado, tirou a sua própria vida por causa disso! E que aflição pensar nos nossos colegas que preferem estar sozinhos! Quantos colegas nossos vivem aquilo que vocês vivem, mas não têm a coragem de o dizer a ninguém.

Mas vocês estão aqui esta noite. Não escolheram isolar-se e querem olhar para esta falta como a coisa mais preciosa, não apenas como um problema para resolver, como os cães. E assim poderão descobrir se a amizade entre nós, se aquilo que vive entre nós é capaz de vos abraçar tal como são. Não demos por encerrada a partida: existe um lugar que vos pode acolher, onde nos podemos sentir em casa, onde as nossas perguntas podem se tomadas em consideração, como escreve uma amiga nossa:

«O meu pai abandonou-me quando eu tinha cinco anos. Desde esse momento, portanto, há onze anos, que eu continuo a perguntar-me porquê. Isto fez-me perder, à partida, a confiança em todas as outras pessoas. Comecei a acreditar que todas as pessoas, mais cedo ou mais tarde, te abandonam, que ninguém fica para sempre, não importa o quanto diga gostar de ti.

Passei onze anos a tentar encobrir este vazio, ou seja, a vê-lo como uma vergonha. Iludia-me de que, fazendo isso, ele desapareceria. E isto complicou-me realmente muito as coisas. Achava que já estava habituada a ter um pedaço em falta mas, pelo contrário, este último anos voltei a andar às

¹⁸ M. Corradi, «La mia crepa», 23 de outubro de 2017, *Tempi.it*.

¹⁹ E. Sabato, «España en los diarios de mi vejez», em *Livrinho*, p. 11.

²⁰ Linkin Park, «Somewhere I Belong», em *Livrinho*, pp. 11-12.

voltas com isso.

Foi, e ainda é, doloroso, uma dor excruciante, mas tem de ser enfrentada. E aqui estou a escrever isto, porque tenho uma grande necessidade de compreender o motivo de determinadas escolhas. Preciso de que alguém me ajude, sozinha não consigo [Deixou de ser alguém que pensa em resolver os problemas sozinha. Que liberdade!]. Este “alguém”, encontrei-o na comunidade da GS, que me levou a pensar em Alguém maior».

Estamos juntos nestes dias para ver se esse Alguém maior, se o Amigo Desconhecido de que eu falava no começo é tão presente, tão concreto a ponto de nos fazer olhar para o que normalmente consideramos uma vergonha como sendo o nosso maior recurso. Estamos juntos para ver se existe um Amigo Desconhecido do nosso coração, um amigo verdadeiro, que nos percebe melhor do que nós nos percebemos a nós mesmos.

Mas há uma coisa a fazer: se quiserem perceber quem é um amigo verdadeiro, se não se quiserem tramar, vocês têm de olhar para ele, e não simplesmente quando fala, porque muitos podem ser bons em “a dar-te a volta”. Vocês devem observá-lo em ação, devem ver como age nas relações com os outros; por exemplo, como vai fazer compras, como olha para tudo nas ações mais banais e quotidianas. Como se chama este olhar para um outro para perceber se é bom para nós? Chama-se «silêncio». Só por isso, e não para brincarmos aos soldadinhos, é que vos pedimos o silêncio nestes dias, para finalmente abrirmos o coração e vermos se o que temos diante dos olhos é um engano ou uma amizade verdadeira, «para vermos – como um de vocês escreveu – se Jesus é o maior engano do mundo ou se realmente é o segredo, o meio para olhar todas as coisas, até as piores e mais feias». Quem escreveu isto é um homem, alguém que faz assim é um homem. E, se for leal com essa pergunta, é impossível que não fique em silêncio, em tensão para perceber, para ver, arriscando toda a nostalgia do seu coração, sem vergonha, para surpreender o amigo verdadeiro em ação.

E o que acontece esta noite? Esta noite, a Igreja recorda-nos que Jesus, para ser amigo da ferida dos homens até ao fundo, para ser amigo de Judas que o trai (por isso lhe chama de «meu amigo») e dos outros discípulos amedrontados e confusos perante a sua traição, percebe que deve dar a vida por eles. Este é o verdadeiro amigo, não alguém que espera ou pretende algo de você, mas alguém que por amor a ti começa a dar a sua vida por ti. Não pretende de ti algo para si, mas é Ele próprio, antes de mais, que dá a sua vida por ti. É um amigo verdadeiro ou é um louco, aquele que dá a sua vida pelos seus amigos? Vamos ouvir *Cristo al morir tendea*.²¹

Cristo al morir tendea

Jesus morreu para não nos deixar sozinhos, Jesus morreu para podermos experimentar um mínimo de simpatia para com o nosso coração, para que a mentira de que falamos não mantenha mais sequestradas as nossas vidas. Para que a alegria que é a Sua vida comece a penetrar na nossa, Ele dá a Sua vida. «Para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa».²²

Vamos celebrar a missa. Convido todos a ficarem, mesmo quem normalmente se aborrece, quem nunca foi à missa, quem não crê, quem não percebe, porque só é preciso olhar e ouvir, com esta pergunta no coração: Alguém que dá a sua carne e o seu sangue por mim é o Amigo Desconhecido, é a preferência que eu esperava para a minha vida?

²¹ Frei Marc’Antonio da San Germano, século XVI, «Cristo al morir tendea», em *Livrinho*, pp. 12-13.

²² Jo 15,11. Assim, durante a última ceia, Jesus rezava, falando ao Pai sobre os seus discípulos: «Quando estava com eles, eu os guardava em teu nome, o nome que me deste. Eu os guardei, e nenhum deles se perdeu, a não ser o filho da perdição, para se cumprir a Escritura. Agora, porém, eu vou para junto de ti, e digo estas coisas estando ainda no mundo, para que tenham em si a minha alegria em plenitude. Eu lhes dei a tua palavra, mas o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como eu não sou do mundo. Eu não rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do maligno. Eles não são do mundo, como eu não sou do mundo. Consagra-os na verdade: a tua palavra é a verdade. [...] Pai, quero que estejam comigo aqueles que me deste, para que contemplem a minha glória, a glória que tu me deste, porque me amaste antes da criação do mundo» (Jo 17,12-17.24).

Lição, Pigi Banna

30 de março, sexta-feira de manhã

«Não poderia mais viver, se não o ouvisse falar» (A.J. Möhler)

Al mattino

Como uma «ânfora vazia na fonte»²³: era assim que Maria devia sentir-se no dia da morte de Jesus. Tal como nós nos sentimos diante da morte de um filho, de um amigo querido. Finalmente tínhamos encontrado alguém que nos preferia, que dava a sua vida por nós, e agora tiram-no. Onde está Deus em tudo isto? Maria colocava-se estas perguntas e, cheia delas, seguia Jesus que ia morrer; não O deixava, porque tinha a certeza de uma coisa: como poderia viver sem ouvi-Lo falar? Peça-nos nós também, neste dia, para sermos como ela, cheios das nossas perguntas, mas sem fugir, tentando seguir.

Angelus

Vamos rezar as Laudes. É uma forma de nos despertarmos, de nos colocarmos diante de nós mesmos. Para mim, as Laudes são como quando estamos na rua – alguns de vocês, de certeza, conduzem *scooters* –: de manhã fazem sempre o mesmo caminho, ligam o piloto automático enquanto viajam com os pensamentos e seguem, até porque já conhecem o caminho quase de cor. Num determinado momento, um carro que vem na direção oposta buzina para que vocês parem: acontece alguma coisa que os desperta. Pois bem, a Igreja é como esse carro que vem ao nosso encontro, nos desperta e nos diz: «Dás-te conta de que estás neste mundo e não é óbvio que te tenhas levantado esta manhã? A quem agradecer por esta vida? O que esperas deste dia?» A Igreja desperta-nos e fá-lo através de palavras de homens que viveram uma relação única com Deus. Eu não pretendo agora que vocês percebam todas as palavras que vamos ler, mas sei que haverá ao menos uma frase que será como uma buzina que nos desperta. Então, vamos agarrar-nos a essa frase que nos faz despertar neste dia.

Como é que rezamos as Laudes? Ainda que muitos de vocês já o saibam, que ninguém o dê por adquirido. Nós fazemo-lo mantendo todos a mesma nota – diz-se *recto tono* –, porque, como dissemos ontem, a nossa amizade existe para que cada um possa gritar, sem vergonha de si. O *recto tono* permite que a voz de cada um seja amplificada pela voz de todos; por isso, é preciso ouvir os outros. É o oposto do que acontece na discoteca, onde para fazeres ouvir a tua voz no meio do barulho, tens de gritar no ouvido do outro. Aqui não, aqui a tua voz é amplificada por outras quatro mil novecentas e noventa e nove pessoas, de modo que tu possas trazer cá para fora todo o teu eu.

Laudes

VER ENCHE-NOS DE ESPANTO

«De manhã [...] a minha ânfora está vazia na fonte».²⁴ Se pensarmos em como nos surpreendemos todas as manhãs, é mesmo verdadeira esta frase: como ficamos prisioneiros dos nossos pensamentos, ensarilhados nos programas daquilo que temos de fazer durante o dia! Avançamos um pouco por inércia. Mas há alguma coisa que nos faz levantar o olhar e recomeçar?

Sabe-o bem quem de entre vocês se levantou cedo para ir ver o nascer do sol. À nossa volta há algo maior do que os nossos pensamentos e as nossas preocupações, sempre. Há uma realidade maior do que os nossos pensamentos, uma realidade que não somos nós que fazemos. Bastaria ser como as crianças para nos apercebermos disso, ou como um amigo nosso, que ficou em coma oito dias; lembrando-se do momento em que retomou a consci-

²³ A. Mascagni, «Al mattino», em *Canti*, Società Coop. Ed. Nuovo Mondo, Milão 2014, p. 180.

²⁴ *Ivi.*

ência, escreveu: «Abri os olhos. Lembro-me que nunca estive tão feliz! Deus presenteou-me com a possibilidade de reviver as coisas pela primeira vez». Antes dos pensamentos há uma coisa, a realidade! Seria suficiente levantar os olhos para o céu todas as manhãs para nos darmos conta da realidade, como descreve um breve relato escrito por uma de vocês:

«Aquele dia não tinha começado como sempre. Tendo-se levantado, vestido, tendo mastigado distraidamente, enfim saiu de casa completamente apático. Tudo à sua volta se movia, como sempre. Chegando ao fim da rua, virou-se para a direita e entrou na banca dos jornais, perfeitamente pontual para o jornal da manhã. Passando rapidamente pelas notícias e dando uma leitura rápida aqui e ali, chegou à passadeira dos peões. Levantou os olhos para verificar a rua e foi assim que seu olhar ficou preso em algo diferente: do outro lado, no passeio oposto, o rapaz, direito, em pé, de mochila às costas, pronto para a escola, mas com o queixo parado e os olhos apontados para o alto. O olhar: foi o olhar dele que parou toda e qualquer coisa. Conseguia-se distinguir, claro e luminoso, refletido nos seus olhos escuros, o céu. O rapaz estava a observar o céu, e este espelhava-se no seu olhar, e era difícil não reparar em toda a luz que emanava, brilhante e de uma cor nova, que contrastava com tudo e com todos naquela cidade. Deu por si a fitá-lo de boca aberta, parado, no meio da passadeira dos peões, com o jornal ainda nas mãos. Decidiu levantar a cabeça para o alto e deixou que o azul se pintasse também nos seus olhos. Surpreendeu-se ligeiro, e o olhar preso a acariciar cada ângulo daquele espetáculo acima dele. Uma luz nova encheu-o repentinamente, e ficou ali, parado, no meio do tempo e do silêncio que a cidade lhe roubara».

É suficiente o céu para levantar o olhar e recomeçar. Percebo que quem é de Milão tenha um pouco mais de dificuldade, porque não tem o privilégio do céu azul de Roma! Mas é preciso muito pouco, como diz Gaber em *Ilógica alegria*,²⁵ «Pode bastar um nada, um pequeno clarão, um choque aparentemente insignificante da realidade, uma provocação, e o nosso eu desperta».²⁶ Como fez aquele rapaz que pegou num telescópio e saiu para a rua para mostrar a toda a gente uma coisa que está sempre debaixo dos nossos olhos: a lua.

*Projeção de vídeo*²⁷

Diante do vídeo, tivemos todos a mesma reacção: «Ooh!». É o espanto.

Mas quantas vezes temos diante dos nossos olhos algo maior do que os nossos pensamentos, não só a lua, não só o céu, mas pessoas que nos esperam e que nós não vemos! Escreve o poeta P. Barbaro: «O problema é ter os olhos fechados e não saber ver, não olhar para as coisas que acontecem. Olhos fechados. Olhos que já não veem. Que já não são curiosos. Que não esperam que nada mais aconteça».²⁸ Uma de vocês descreve isso muito bem:

«Tudo se torna óbvio e previsível. Aquilo que encantava a criança na sua simples misteriosidade e se exprimia com um simples mas muito eficaz “oh!” [encanto], reduz-se a um banal e costumeiro “ah!”».

Quantas vezes damos por nós com este «ah!». É aquela sensação do já sabido, aquele ceticismo que podem ter já na vossa idade. Assim a vida torna-se numa grande monotonia, é sempre a mesma história. «Que novidade pode acontecer na minha vida?», perguntamo-nos logo aos quinze anos. Então uma pessoa deixa-se levar por todo o seu sentimento de desconforto: é como se o seu sentimento lhe tapasse os olhos e então, ainda que acontecesse um milagre à sua frente, não o veria. Deus, nestas situações, como escrevem alguns de vocês, parece o grande ausente, como quando a pessoa faz um telefonema e do outro lado ninguém responde: só silêncio.

Ontem, a figura de Judas ajudou-nos a percebermo-nos melhor a nós mesmos, e nestes dias também temos

²⁵ G. Gaber «Illogica allegria», em *Livrinho*, pp. 27-28.

²⁶ J. Carrón, *Fu guardato e allora vide*, em *Livrinho*, p. 27.

²⁷ *A New View of the Moon*, 20 marzo 2018: <https://video.repubblica.it/mondo/la-luna-al-telescopio-e-uno-shock-chi-lo-usa-non-crede-ai-suoi-occhi/300188/300818>

²⁸ P. Barbaro «Ah uno sguardo», em *Livrinho*, p. 29.

companheiros de viagem nisto de ficarmos atrapalhados pelos nossos sentimentos: os discípulos. Quando veem Jesus chorar lágrimas de sangue, quando o veem triste e perturbado, os discípulos assustam-se e pensam: «Acabou! Agora vão-nos matar!» Têm medo. Sentem o cheiro da morte cada vez mais perto. Não veem mais nada senão o seu próprio medo. Aterrorizados, abandonam Jesus e fogem.²⁹

Todos o abandonam e fogem, mas fazendo isso não veem o milagre: Ele não foge, vai morrer por nós. O que via Jesus, além do medo, para não fugir? Esta é a pergunta que nos guiará todo o dia até a hoje à tarde: o que via Jesus que os outros não viam? E ainda assim estava triste, como diz o canto que vamos escutar agora, *Tristis est anima mea*: «A minha alma está triste até à morte: / fiquem aqui e vigiem comigo. / Agora verão uma multidão que me rodeará. / Vocês fugiram e eu vou imolar-me por vocês».³⁰

Tristis est anima mea

O EU RENASCE NUM ENCONTRO

O que nos permite não fugir? O que nos permite reabrir os olhos sobre a realidade, para voltarmos a ver? O que nos permite não ficarmos fechados, isolados e enrolados nos nossos estados de espírito? Temos de reconhecer – e esta admissão não é uma derrota: sozinhos não somos capazes, precisamos de alguém que venha e nos desperte. Diz o Carrón: «Precisamos de alguém que nos devolva a capacidade de ver. [...] Que alguém fixe o olhar em mim, que perceba que eu existo, que eu conte para alguém, que choque quando isso acontece! [...] É a graça de sermos escolhidos»,³¹ de sermos preferidos.

Quando alguém chega e nos quer bem, despertamos. É disto que precisamos para reabrir os olhos. Aqui não somos todos católicos, nem todos vamos à missa todos os dias, e mesmo assim todos aceitamos o convite para vir. Por quê? Porque pelo menos uma vez, nos sentimos olhados por alguém. A poesia de Salinas descreve isso:

*«Quando tu me escolheste / – foi o amor que escolheu – / saí do grande anonimato / de todos, do nada. / Até então / eu nunca estivera mais alto / do que os picos do mundo. / Nunca descera tão abaixo / das profundezas / máximas assinaladas / pelas cartas marítimas. / E a minha alegria era / triste, como o são / aqueles pequenos relógios, / sem braço ao qual prender-se, / sem pilhas, parados. / Mas quando me disseste: “Tu” / – a mim, sim, a mim, entre todos – / mais alto agora do que as estrelas / ou corais fiquei. / E a minha alegria / começou a girar, amarrada / ao teu ser, no teu pulsar. / Posse de mim tu me davas, / dando-te a mim. / Vivi, vivo. Até quando? / Sei que tu voltarás / atrás. E quando te fores / voltarei àquele surdo / mundo, indistinto, / da erva, da gota, / na água, no peso. / Serei um dos muitos / quando já não te tiver. / E perderei o meu nome, / os meus anos, os meus traços, / tudo perdido em mim, de mim. / Tendo voltado ao ossuário imenso / daqueles que não estão mortos / e já não têm mais nada / por que morrer na vida».*³²

Precisamos de alguém que nos diga «Tu» e nos faça sair «do grande anonimato», como um verdadeiro amigo que apareça de repente e nos diga: «Cá estás tu! Estava à tua espera!», ou uma bela rapariga que exclame: «Não via a hora de te encontrar!» Nós precisamos de ser preferidos, ser esperados; precisamos de alguém que comemore o facto de existirmos, senão nunca vamos abrir os olhos, ficaremos sempre isolados com os nossos sentimentos e as nossas reflexões. Um amigo nosso conta isso de forma simples e fantástica:

«Antes de chegar à festa do meu aniversário, não tinha nenhuma vontade de ir, no sentido de

²⁹ Cf. Mc 14,42-52: «[Jesus disse-lhes:] “Levantai-vos! Vamos! Aquele que me vai entregar está próximo”. Jesus ainda falava, quando chegou Judas, um dos Doze, acompanhado de uma multidão com espadas e paus; eles vinham da parte dos sumos sacerdotes, escribas e anciãos. O traidor tinha combinado com eles um sinal: “É aquele que eu vou beijar. Prendei-o e levei-o com cautela!” Chegando, Judas logo se aproximou e disse: “Rabi!” E beijou-o. Então, eles lançaram as mãos em Jesus e o prenderam. Um dos presentes puxou a espada e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a ponta da orelha. Tomando a palavra, Jesus disse: “Viestes com espadas e paus para me prender, como se eu fosse um bandido? Todos os dias eu estava convosco, no templo, ensinando, e não me prendestes. Mas, isto acontece para que se cumpram as Escrituras”. Então, abandonando-o, todos os discípulos fugiram. Um jovem seguia-o coberto só de um lençol. Eles o pegaram, mas ele largou o lençol e fugiu nu».

³⁰ L. Perosi, «*Tristis est anima mea*», em *Livrinho*, pp. 29-30.

³¹ J. Carrón, *Fu guardato e allora vide*, em *Livrinho*, p. 30.

³² P. Salinas, «La voce a te dovuta», em *Livrinho*, pp. 30-31.

que nunca gostei das minhas festas, porque eu sempre estava no centro da atenção, quase de forma exagerada. Falei disso com um professor amigo, e ele disse-me uma coisa muito simples: “Não tens de estar obrigatoriamente muito animado para a festa. Está lá com aquilo que és e como estás agora, está lá com a tristeza que sentes sem esconder nada”.

Cheguei à festa sem nenhuma máscara, sem fingir que era feliz (sem fingir que estava animado), e então era eu mesmo. A coisa incrível foi a forma como os meus amigos organizaram a noite. Havia uma semana que, quase todos os dias, se encontravam e tinham trabalho por minha causa. E isto tocou-me muito, até porque há algum tempo me sentia sozinho. E assim começou a festa; prepararam brincadeiras, um vídeo, um presente, canções para mim. Fizeram isto tudo para mim. Eu tinha chegado à noite triste, mas estava a aperceber-me de que em tudo isto, eu não estava sozinho, mas havia amigos que me queriam bem. Estava tão feliz por ter estes amigos e por gostarem tanto de mim que o meu coração parecia que explodia. Estava com o coração cheio de alguma coisa verdadeiramente grande. Quando o vídeo acabou, a única coisa que eu tinha para dizer era: “Obrigado”, eu estava agradecido por me sentir preferido. A coisa mais desejável do mundo é ter uma amizade que me ama por aquilo que eu sou: disléxico, gordinho, tonto, incapaz de fazer qualquer coisa; podia dizer-se, um “inútil”. Mas eu tenho amigos que me querem bem e que nunca me fazem sentir um inútil. Isto é incrível e comove-me sempre».

Eis o que liberta da solidão, do isolamento, do sentimento de inutilidade, do desconforto pelos nossos próprios defeitos, e faz voltar a respirar e a ver:³³ não a demonstração de que não és disléxico, ou começares a fazer uma dieta para deixares de ser gordinho, mas um encontro vivo que «provoca o facto de que o nosso coração, com aquilo de que é constituído, com as exigências que o constituem, está, existe».³⁴ Um encontro com uma pessoa, não com uma coisa. Insisto nisto, porque me impressionou que, diante do título do Tríduo («Quem és tu, que enches o meu coração com a tua ausência?»), muitas dos vossos contributos se tenham fixado na palavra «ausência», como se não tivessem visto as três primeiras palavras: «Quem és tu...?» Pergunto-lhes: há alguém na vossa vida – uma pessoa! Basta uma! – feliz porque vocês existem? Alguém por quem vocês se sentem preferidos, não se sentem julgados? Porque é preciso alguém, não uma coisa, não um conceito, mas alguém de carne e osso, que é capaz de te lembrar de quem tu és.

Fire of time

Basta uma pessoa que não pretende nada de ti, mas que simplesmente – como diz Jovanotti – «te vem procurar / Porque gosta de ti / Para gritar-te “eu quero-te bem”».³⁵ Não és tu que tens de conquistar a sua estima demonstrando sabe-se lá o quê, publicando nas redes sociais fotografias tuas onde não se vê o nariz, para pareceres mais bonita. Não! Vem procurar-te tal como és, só para te dizer: «Quero-te bem», e não: «Serves-me para alguma coisa». Infelizmente, habituámo-nos a este uso instrumental das relações,³⁶ em que venho à tua procura porque me és útil; então, uma pessoa pensa: «Meus Deus, e já não lhe servir para nada o que irá fazer? Irá deixar-me?».

Em vez disso, há alguém que diz: «eu venho procurar-te porque tu existes. Ponto. Porque te quero bem, porque não me interessa o que é que tu sabes fazes, mas aquilo que tu és, a necessidade que tu és». É alguém que te procura, mesmo antes que tu o procures, e tu deixas-te olhar. O Papa Francisco diz sempre:³⁷ não somos

³³ Como diz a poesia de um de vocês: «Anunciei sobre um pedestal/ Um amor que orgulhoso aprendi/ Ensinou-mo um homem de vestes miseráveis/ Com um olhar nu me despi [...]. E duro como a pedra mármore/ O coração pede/ Do perdão o fervor», em *Livrinho*, p. 32.

³⁴ L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro*, em *Livrinho*, p. 31.

³⁵ Jovanotti, «Ragazzini per strada», em *Livrinho*, p. 32.

³⁶ «Quando um homem ama uma mulher, o momento culminante da sua afetividade é quando, olhando-a enquanto trabalha, pensa no seu destino. Sem isto, tem-se a relação que se tem com um caneta, puramente instrumental, ou com o cão, com o gato» (L. Giussani, *Spirito Gentil*, em *Livrinho*, p. 32).

³⁷ «Como é bom pensar que o cristianismo é essencialmente isto! Não é tanto a nossa busca em relação a Deus – na verdade, uma procura tão vacilante – como sobretudo a busca de Deus em relação a nós. Jesus alcançou-nos, arrebatou-nos, conquistou-nos para nunca

nós que procuramos Deus – raramente o fazemos (quando nos sentimos animados e devotos, ou quando estamos deprimidos e queixosos) –, é Ele, pelo contrário, que nos surpreende primeiro, nos agarra e nos conquista: descobres que estava à tua espera.

QUEM ÉS TU, QUE ENCHES O MEU CORAÇÃO COM A TUA AUSÊNCIA?

Como escreve o grande poeta Betocchi: «O que é preciso é um homem / não é preciso sabedoria».³⁸ Um homem, não um discurso. Não é como o inglês: primeiro tu aprendes, e depois falas em todo o lado e com toda a gente. Não estamos aqui para aprender uma técnica para não já ficarmos tristes quando depois voltarmos para casa. Estamos aqui porque existe uma pessoa, não um discurso, que veio procurar-nos e com quem queremos estar. «É algo [...] que vem *antes* de tudo [...] que não precisa de ser explicado – diz Dom Giussani –, mas *apenas de ser visto*, captado, que provoca um espanto».³⁹

Tentemos pensar naquele pobre pescador ignorante que era Pedro. Pedro não tinha feito grandes estudos, não tinha feito um curso para controlar as suas emoções, tampouco um curso de cristianismo! Simplesmente, desde que Jesus o chamou, já não conseguia separar-se d'Ele. Vivia cada dia com Ele, de manhã à noite. Quando chegava a casa à noite, não via a hora que chegasse a manhã seguinte para revê-lo mais uma vez, porque «era bom estar com Ele».⁴⁰ Não o dizia só pelas suas palavras, pelos seus ensinamentos, pelas coisas que fazia, mas principalmente porque era bom estar com Ele.

Pedro nunca teria imaginado encontrar um homem assim. O que é que, no máximo, poderia esperar da vida? Juntar muito dinheiro, estar bem, ficar satisfeito com o que tinha. Mas um homem como Jesus, que o surpreendia tanto assim a cada dia, ele nunca teria imaginado. Seria possível dizer, com as palavras de uma canção de Ornella Vanoni: «Os teus olhos não a tua boca não / eu não posso inventá-los / a tua presença não a tua ausência não / eu não posso inventá-la».⁴¹

Percebem qual é a diferença entre os nossos pensamentos e uma pessoa que nos prefere? Não podemos inventar uma pessoa; de todas as vezes, é uma surpresa ver como esta pessoa nos faz sair da concha dos nossos pensamentos, nos deixa com a respiração suspensa, tanto que surge em nós a pergunta: «Mas quem és tu? Eu achava que te conhecia, mas... não. Quem és?». Perguntem-se se houve ao menos uma pessoa na vossa vida diante da qual disseram: «Mas quem és tu?». Sem um encontro assim, não poderemos abrir os olhos, nem descobrir o bom da vida. Não precisamos de encontrar uma pessoa que nos explique as coisas, mas alguém que nos fascine com a sua presença, e então ficaremos colados a ela.

Mas o que é que acontece normalmente? Apenas duas semanas depois de começar a namorar uma rapariga, tu comesças a pensar: «Ah, já a conheço!» Pois bem, quando tu dizes de uma pessoa: «Já a conheço», significa que a sepultaste no túmulo do já sabido, e achas que agora deves esperar encontrar outra que te surpreenda um pouco mais. No entanto, imaginem se depois de conhecerem um amigo há quinze, vinte anos, ou se estiverem apaixonados por uma rapariga, derem por vocês a repetir com espanto: «Mas quem és tu? Tu és cada vez mais um mistério para mim», «A tua presença não a tua ausência não / eu não posso inventá-la». Os nossos amigos de Rimini, do grupo Cristo Rei, perguntaram-me: «Como é que podemos ser amigos?» Eu mandei-lhes uma carta em que Dom Giussani escreve a um amigo: «Tu és mesmo como este mar: imenso e arcano».⁴² Quando o amigo te deixa com a respiração suspensa, quando o amigo te faz perguntar: «Mas quem és tu?», este é o sinal de que não estamos em relação com uma ideia nossa, com alguma coisa que sabemos, mas com uma presença

mais nos deixar» (Francisco, *Audiência geral*, 19 de abril de 2017, em *Livrinho*, p. 34).

³⁸ C. Betocchi, «Ciò che occorre è un uomo», em *Livrinho*, p. 35.

³⁹ L. Giussani, *Qualcosa che viene prima*, em *Livrinho*, p. 35.

⁴⁰ Cf. Mc 9,5-8: «Pedro então tomou a palavra e disse a Jesus: “Rabi, é bom ficarmos aqui. Vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias”. Na realidade, não sabia o que devia falar, pois eles estavam tomados de medo. Desceu, então, uma nuvem, cobrindo-os com sua sombra. E da nuvem saiu uma voz: “Este é o meu Filho amado. Escutai-o!” E, de repente, olhando em volta, não viram mais ninguém: só Jesus estava com eles».

⁴¹ O. Vanoni, «Io come farò», em *Livrinho*, p. 36.

⁴² L. Giussani, *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*, San Paolo, Cinisello Balsamo-Mi 2007, p. 49.

viva.

Mas também Pedro – como todos nós fazemos com as relações mais verdadeiras da vida – a um dado momento deixa de espantar-se e pensa que já percebeu Jesus. Assim, quando Jesus começou a falar de morte e ressurreição, Pedro «chamando-O de lado, começou a censurá-l’O».⁴³ Achava que tinha entendido Cristo melhor do que todos, como muitos de nós acham que entenderam quem é Cristo, que sabem onde está, veem-n’O em toda a parte, mas na verdade não o conhecem. São visionários: aquilo não é Cristo, são só pensamentos sobre Cristo, a projeção das nossas emoções sobre Ele. Faço uma pergunta a quem diz que vê Cristo em toda parte: «Cristo já te surpreendeu, como fazia com Pedro? Tu já te surpreendeste dizendo “*Mas quem és tu?*”, ficando com a respiração suspensa?».

O problema não é Cristo, mas se estamos diante de uma realidade, de uma presença viva que nos desloca dos nossos pensamentos. Diante desta pergunta, vem d’Ele, e não de ti, a resposta: «Sou Deus», e tu aderis. Se não te encher de perguntas, de espanto, de curiosidade, se não te fizer sair da tua lógica, então não é Cristo, mas só a tua imagem d’Ele. O desafio do «já sabido» está à espreita, também na vossa idade: uma pessoa viu e acha que já sabe como deverá ser. Pensa que já sabe quem é Cristo, que já sabe que Deus é a resposta à pergunta do título: está errado! Essa é a tua ideia de Deus! Tu já sabes que o Tríduo vai ser bonito, mas também que depois vais ficar deprimido. Mas há alguém que faz o teu coração palpitar, até te fazer perguntar: «Mas quem és tu?». Cá está, ali por trás está Deus, mas não naquilo que tu achas que já sabes.

Por esta razão, sempre me marcou vir a saber de um facto que diz respeito à vida de Dom Giussani, um homem que desde quando tinha quinze anos – imaginem! – era apaixonado por Cristo, falava sempre de Cristo, falou d’Ele a todos, inflamando gerações de pessoas. Sabem o que ele pediu que cantassem as pessoas que estavam perto dele, poucos dias antes de morrer?⁴⁴ Um canto que diz de Jesus: «Nós não sabemos quem era, / nós não sabemos quem foi, ...».⁴⁵ Quanto mais conheces uma pessoa, mais lhe queres bem e mais não a possuis, a ponto de deixar-se surpreender continuamente por ela. Cantemos nós também este canto, para nos despojarmos de todas as nossas ideias sobre Jesus, porque nós achamos que já sabemos quem é Deus e depois queixamo-nos de que Ele não responde.

Noi non sappiamo chi era

Quando achamos que já sabemos quem é Cristo, que já sabemos quem é Deus, o que é que nos acontece? Pedro, quando a certa altura da sua vida, pensou que já sabia quem era Cristo e que tinha entendido a Sua mensagem, separa-se d’Ele. Dom Giussani escreve: «A tentação é a “separar-se” desse seguir, pela presunção de já saber o que é pedido».⁴⁶

Porém, quando uma pessoa está triste, quando sofre uma decepção porque acontece alguma coisa que não vai bem, se está apaixonada, o é que faz? Pede. Procura como um mendigo a pessoa amada, grita: «Onde estás tu, que enches o meu coração com a tua ausência?», esperando que chegue de novo, como uma surpresa.

Pelo contrário, quem acha que já sabe, diante do primeiro mau humor e da primeira tristeza, o que é que faz? Não procura o amigo, mas separa-se censurando: «Foi tudo falso. Não era verdade. Iludi-me. Enganaste-me». Como canta Pink: «Viemos quando [nos] chamaste / Mas depois enganaste-nos, e tudo o que é demais é demais».⁴⁷ Foi o que fez também Pedro. Quando uma criada lhe disse: «“Tu também estavas com ele?” [...] começou a praguejar e a jurar: “Não conheço esse homem de quem falais”».⁴⁸ Quando uma pessoa pensa que já

⁴³ Cf. Mc 8,31-33: «[Jesus] começou a ensinar-lhes que era necessário o Filho do Homem sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, sumos sacerdotes e escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar. Falava isso abertamente. Então, Pedro, chamando-o de lado, começou a censurá-lo. Jesus, porém, voltou-se e, vendo os seus discípulos, repreendeu Pedro, dizendo: “Vai para trás de mim, satanás! Pois não tens em mente as coisas de Deus, e sim, as dos homens!”».

⁴⁴ Cf. A. Savorana, *Luigi Giussani, A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, pp. 1179, 1197.

⁴⁵ A. e G. Agape-A. e G. Roscio, «Noi non sappiamo chi era», em *Livrinho*, p. 42.

⁴⁶ L. Giussani, *Dalla fede il metodo*, em *Livrinho*, p. 40.

⁴⁷ Pink, «What about us?», em *Livrinho*, p. 40.

⁴⁸ Cf. Mc 14,69-72: «A criada, vendo Pedro, começou outra vez a dizer, aos que estavam por perto: “Este é um deles”. Mas Pedro negou outra vez. Pouco depois os que lá estavam diziam a Pedro: “É claro que és um deles, pois tu és galileu”. Ele começou então a pra-

sabe, na primeira provação, trai o amigo. Chega a dizer: «Não o conheço»! Quem acha que já entendeu o amigo, quem pensa que já sabe quem é Cristo, separa-se, já não faz mais perguntas, e mais cedo ou mais tarde, trai-o. Como escreve uma amiga nossa:

«Os primeiros meses de aulas foram para mim um desafio contínuo, mas apesar das dificuldades, aliás, graças a elas, foram ricos de descobertas muito bonitas, tanto em relação ao estudo, quanto em relação aos meus colegas de turma. Perto de dezembro, porém, esta “animação” começou a abandonar-me».

Eis a primeira separação da experiência: estava animada, ou essa novidade de vida era uma presença? Se estava animada, se era um sentimento, uma vez que o perdeu, acabou; mas, se é uma presença, pode procurá-la, mendigá-la como um apaixonado. Continua:

«Aquele vazio que experimentei muitas vezes nos últimos tempos e que parecia finalmente ter-se enchido durante o verão, voltou a fazer-se sentir de forma prepotente, e muitas vezes fui tentada a dizer que aquilo que tinha acontecido tinha sido só um engano [Exactamente como fez Pedro, quando se separou de Jesus]. Aquilo de que me dei conta logo a seguir é que, sem me dar conta, eu tinha começado a dar por óbvio o famoso encontro de que tanto falávamos, e a dizer a mim mesma que já sabia que aquela falta que tinha experimentado dentro de mim era uma falta de Cristo [Não! Este é o Cristo dos teus pensamentos, das tuas emoções!] e agora que eu o tinha entendido, depois de ter tido esse encontro, sabia como estar diante de cada circunstância da vida, por mais negativa que pudesse ser. Esta certeza desmoronou logo, e a ferida recomeçou a doer, e o vazio a pedir para ser preenchido»

Ainda bem que aquele vazio voltou, amiga, porque quanto mais se ama, mais se pede; ao passo que nós achamos que, quanto mais se ama, mais se faz calar o desejo pelo amado, até não precisar mais d’Ele. A ideia de que encontrar a Deus, encontrar os amigos, nos preencha até esgotar qualquer pedido, na verdade preenche só a terra sobre o nosso túmulo! Porém, quanto mais ama, mais se deseja. Digam-me se com a vossa namorada vos basta um beijo. Seria absurdo se depois do primeiro beijo lhe dissesse: «Obrigado, percebi o que é um beijo, não me dêis mais beijos até morrermos». Quanto mais se ama, mais se deseja. A carta continua:

«Não me basta uma resposta formal, tenho de redescobrir de verdade quem é que preenche esta voragem. Penso que a pergunta sobre quem é que preenche o coração com sua ausência nunca se esgota, aliás, torna-se cada vez mais profunda e mais urgente».

É assim mesmo: quanto mais se ama, mais essa pergunta, esta voragem, se torna grande. Ontem um rapaz perguntava-me: «Tu dizes-nos para virmos ao Tríduo com perguntas, e tu com que perguntas vens?» Eu respondi-lhe: «Eu venho com a mesma pergunta do Tríduo: “Quem é tu, que enches o meu coração com a tua ausência?”. Hoje pus-me a rezar repetindo esta pergunta, mas, enquanto para ti é uma pergunta ainda incerta e confusa, para mim é-me cada vez mais familiar. Aquele a quem a dirijo. Por exemplo, para ti a pergunta sobre o amor ainda é incerta e confusa, enquanto o seu pai a tem ainda maior, depois de tantos anos ao lado da tua mãe, se a ama de verdade».

Quando Pedro percebe que abandonou e traiu Jesus, chora amargamente. Imaginem Pedro, com o rosto lavado em lágrimas, batendo no peito e repetindo o título do nosso Tríduo: «Quem és tu, que enches o meu coração com a tua ausência? Sou um pobre coitado, eu preciso de Ti, vem chamar-me outra vez como no primeiro dia. Onde estás?». Quem encontrou Cristo reconhece-o não porque “vê” Cristo em toda parte, nos azulejos da parede, como um idiota; uma pessoa percebe que encontrou Cristo porque é mais homem, porque pede como uma criança mesmo sendo velho, porque sente a sua humanidade vibrar, chora e não tem vergonha disso. Então Jesus surpreende-o outra vez: aparece-lhe vivo depois da Sua morte, vai ao seu encontro e chama-o como o chamava a sua mãe: «Simão!», fazendo-lhe uma pergunta inesperada por três vezes: «Simão, tu amas-me?». Na terceira vez em que lhe pergunta, Pedro responde: «Senhor, tu conheces tudo, tu sabes que eu te amo».

guejar e a jurar: “Nem conheço esse homem de quem estais falando!” E nesse instante, pela segunda vez, o galo cantou».

«Tu conheces tudo, tu sabes que eu te amo.» Este ano fui à Terra Santa com alguns amigos, e no lugar onde Pedro traiu Jesus estão representadas duas cenas, uma em frente da outra: a traição de Pedro e este diálogo entre Jesus e Pedro. Na primeira Pedro diz: «Não O conheço»; na segunda responde: «Senhor, tu conheces tudo». O mesmo verbo “conhecer”, mas tudo mudou. Ali entendi o problema da vida: ou eu sou o que sei e o que faço, e no fim acabo não conhecendo, separando-me e traindo; ou então a minha vida está de pé porque existe alguém que conhece tudo de mim, mais do que eu conheça de mim mesmo. A vida muda de verdade quando se encontra alguém – alguém, não alguma coisa – a quem se pode dizer: «Tu conheces tudo de mim. Eu sou um pobre coitado, mas tu conheces-me melhor do que eu mesmo». Por isso, quando estou triste, chamo-Te, quando tenho necessidade a minha necessidade é de Ti e pergunto: «Onde estás? Quem és tu, que enches o meu coração com a sua ausência?».⁴⁹ Não somos nós que O conhecemos, mas é Ele que nos conhece e sabe tudo sobre nós.

«FOI OLHADO E ENTÃO VIU» (Santo Agostinho)

Podemos, identificar-nos com uma outra figura que fez todo o caminho de Pedro: Maria. Ela, porém, não achava que já sabia tudo e não abandonou Jesus. Ela nunca fugiu, mas foi atrás do seu filho até ao fim. Nunca o deixou, ainda que sofresse e chorasse. E mesmo assim seguia, porque tinha a certeza de que Deus jamais a trairia. Em toda a sua vida, Maria verificou que, seguindo aquela criança que se tornava cada vez maior, nunca tinha sido traída. Com o tempo, aprendeu a tornar-se filha do seu Filho, como Dante disse de forma magnífica.⁵⁰ E seguindo-O no meio das provações, viveu com «um coração grande e indomável, [...] com uma ferida que não se cicatriza senão no céu».⁵¹ Rezemos juntos a oração:

Oração do padre L. de Grandmaison

Desde o primeiro dia, desde o anúncio do anjo, Maria viu que seguir o turbilhão que Cristo introduzia na sua vida tornava-a cada vez mais aberta e interessada por tudo, com o coração maior: interessava-se por Isabel,⁵² interessava-se por quem não tinha vinho,⁵³ interessava-se pelos que tinham necessidades. O seu coração era cada vez maior, e ela era cada vez mais ela mesma. Por isso Maria não foge, porque viu que seguir Jesus, seguir este homem – uma presença, não uma ideia –, a tornava cada vez mais humana, fazia-a viver as coisas com cada vez mais gosto.

O cristianismo, com efeito, não resolve os problemas, não nos torna mais básicos – sem necessidades, como às vezes esperaríamos –, mas torna-nos cem vezes mais felizes e cem vezes mais sensíveis à tristeza, leva-nos a interessarmo-nos por coisas que nunca teríamos pensado. «O cristianismo – escreveu Dom Giussani – deve investir tudo e deve tornar tudo mais vibrante, mais saboroso, mais verdadeiro – tudo! –, até a matemática».⁵⁴ Sim, lamento, até a matemática! Seguir Cristo convém-nos porque, tornando-nos mais nós mesmos, nos faz ficar interessados por tudo. Começamos a interessar-nos até por política, como aconteceu a alguns amigos nossos de Milão, que, tendo em vista as eleições, escreveram uma carta aos políticos, recebendo também algumas respostas. Ou como aconteceu com os amigos de Ferrara, que durante uma autogestão, pegaram uma sala e propuseram uma assembleia à escola toda, e uma deles comentou: «Esta companhia tem até a força de fazer com que tu faças coisas que nunca farias». Quando uma pessoa é olhada, vê e então interessa-se por coisas que antes nem via: «Foi olhado, e então viu».⁵⁵ É o que testemunham duas amigas muçulmanas que estão aqui hoje. Elas escreveram-nos que ter-nos encontrado lhes permitiu levar mais a sério a sua tradição. Quando uma pessoa é

⁴⁹ «Quem és, Cristo», como disse o Carrón uma vez, «quem és que não podemos privar-nos de Ti depois de termos Te encontrado? [...] Mas quem é este a quem damos o nome de Jesus?» (cf. J. Carrón, “A preferência que nos salva do nihilismo”, em *Livrinho*, p. 41).

⁵⁰ Cf. Dante, *Comédia*, *Paraíso*, canto XXXIII, v. 1.

⁵¹ «Oração do padre L. de Grandmaison», em *Livrinho*, pp. 51-52.

⁵² Cf. Lc 1,39-56.

⁵³ Cf. Jo 2,1-11.

⁵⁴ L. Giussani, em A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, op. cit. p. 89.

⁵⁵ Diz Santo Agostinho referindo-se a Zaquaeu; cf. Santo Agostinho, *Discurso 174*, 4.4.

olhada, então vê as coisas de maneira diferente, até os próprios colegas de turma num passeio, como contou uma de vocês. Depois de anos em que pensou que os seus colegas fossem uns «completos idiotas», escreve:

«Falando com os meus colegas, percebi que eles têm as mesmas perguntas do que eu, as mesmas dúvidas do que eu, a mesma vontade de viver do que eu, só que ninguém nunca lhes ofereceu uma alternativa melhor, porque nunca conheceram a Cristo. Eu porém sim, eu vi como me mudou, eu lembro-me de como era antes, e então não posso deixar de tentar ser sempre eu mesma ao máximo».

Disto se reconhece a verdade do cristianismo: porque reacende a tua humanidade, faz-te ser mais homem. Já não te torna igual a todos, torna-te mais tu mesmo. Há a dor, há a pergunta, mas com uma grande certeza, como para Maria: Deus jamais a abandonaria, continuaria a tornar grande a sua vida. «Porque através das coisas magníficas / Porque através das coisas horríveis / Tenho a esperança de ver algo mais / Algo que vai além da superfície / Que vai além do fundo»,⁵⁶ escreve um de vocês, que se encontra numa situação familiar muito difícil. O coração pode finalmente gritar a sua dor, a sua ausência, porque tem a certeza de quem o pode fazer feliz, como dizia a nossa amiga Miriam falando da morte do seu irmão Francesco:

«Por que é que o dia 10 de fevereiro (o dia a seguir à morte do Francesco) foi o dia mais bonito da minha vida? Pergunto-mo todos os dias. Não sei dar uma resposta precisa. Só sei que depois de dias de ansiedade e desespero, senti-me invadida pela serenidade. E ainda por cima, estavam mil pessoas por todo o lado. Mil pessoas à minha volta. Mil pessoas serenas. Na noite do dia 9 brindamos “ao Francesco, que está no Paraíso”; na manhã do dia 10 eu estava na Rocha de Manerba, em paz com a Elisa (uma amiga minha). Ela, todas as noites, na semana antes do Francesco morrer, estava lá. Comigo, por mim. Ela explicou-me que tudo isto é um milagre, que o sacrifício do Francesco não foi em vão. Ela fez-me entender que o Francesco me salvou a vida, porque perante um facto que acontece, não podemos ficar indiferentes. Perante algo que acontece de maneira evidente passamos a ter certeza. Eu tenho certeza. Porque para estar serena nesta situação, e até mesmo feliz, ou estou louca, ou há algo de muito maior. Este é o momento mais bonito da minha vida. E é paradoxal descobrir no momento mais feio a coisa mais bonita. Mas é assim. Como diz a Elisa, esta é o meu termo de comparação para toda a vida, para qualquer momento em que for mais conveniente pensar que a vida é um engano e que não existe nada maior».

É paradoxal, é possível estar feliz e triste ao mesmo tempo. Quando uma pessoa é olhada como a Miriam, não só olha a morte com dor e, ao mesmo tempo, com certeza, mas começa a olhar para si mesma de uma maneira diferente: quer-se bem. Este é o grande milagre hoje; desafio-vos a encontrar outro lugar que vos dê este presente, porque hoje ninguém gosta de si mesmo, todos querem mudar a própria imagem. Aqui não! O sinal de que encontre alguém que te ama, alguém que te diz ser Deus, é que tu comesças a amar-te tal como és.⁵⁷ Como escreve uma amiga nossa: «A adesão ao Movimento tornou possível a coisa mais impossível de todas: gostar de mim e ver que sou bonita». E não bonita porque sejas parecida com a Ferragni, ou porque fazes tatuagens como o Fedez [*um casal italiano famoso, nt.*]. Tu és bonita porque és amada, porque há alguém que dá a vida por ti, porque comesças a olhar-te com os Seus olhos, e dizes: «Mas então eu sou outra em relação ao que eu pensava que era!»

Vamos ouvir uma canção de uma profundidade única, de Adriana Mascagni, *Amica del Mistero*.⁵⁸ Quem sou eu? Eu sou alguém amado pelo Mistério, amigo do Mistério. Tentemos ouvir todas as palavras com esta

⁵⁶ Cf. *Livrinho*, p. 44.

⁵⁷ «Então uma pessoa percebe qual é a grandeza, qual é valor do próprio eu, e começa a ter uma estima por si, uma ternura por si, uma consciência do próprio valor, como aquela que teve o Mistério para se incomodar connosco, contigo e comigo» (J. Carrón, *Fu guardato e allora vide*, em *Livrinho*, p. 44).

⁵⁸ A. Mascagni, «Amica del Mistero», em *Livrinho*, pp. 44-46.

pergunta: quem sou eu? O que é que me torna bonito neste mundo?

Amiga do Mistério

Podemos prosseguir como Pedro, como crianças apaixonadas, cheias dos seus erros, que se perguntam: «Quem és tu, que encheste a minha vida?», ou como Maria: na tristeza, na dor, mas certos e felizes, porque Ele nunca nos abandonará. Mas ainda permanece aberta a pergunta: por que é que Jesus, ele que era Deus, não fugiu da cruz? Por que não subiu logo aos céus? Por que não poupou a Sua mãe de toda aquela dor? Por que não poupou Pedro da tentação da traição? Por que caminha para a morte sem dizer nada? Onde está Deus em tudo isto? O que responde?

Por esse motivo, hoje à tarde vamos fazer a Via Sacra, para ouvir a resposta de Deus a estas perguntas. Podemos seguir o caminho da cruz assumindo a posição de Maria, de quem sofre carregando todas as dificuldades da vida, mas tem certeza; ou assumindo a de Pedro, de quem está cheio da própria dor pelo pecado, mas está afeiçoado, desejoso de renascer como uma criança. Mas para vivê-la assim, para descobrir como Deus responde a esta nossa pergunta, é preciso fazer silêncio e seguir, sem nos deixarmos tomar pelos nossos sentimentos como, pelo contrário, aconteceu aos discípulos que fugiram.

Se vocês não vêm para ouvir a resposta de Jesus a esta pergunta, mais vale ficarem no hotel. Nós pensamos no silêncio como numa obrigação. Quando uma pessoa pensa em si mesma, vê toda a confusão que tem dentro de si, e por isso o silêncio faz medo. Mas pensem em quando uma rapariga está para vos beijar: teriam vontade de falar? Não convém falar, é muito melhor ficar em silêncio. Para acolher a resposta de Deus à nossa pergunta, é preciso ficar em silêncio, no sentido de ficarem todos atentos para ouvirem, para ouvirem a resposta de Jesus à nossa pergunta.

Só temos um dever na vida, rapaziada, do qual dependem todos os outros deveres: não é ir bem na escola, não é tornar-se alguém no mundo, não é formar uma família e nem sequer encontrar um trabalho de sucesso. Nós só temos um dever: sermos nós mesmos, sermos felizes. Perseguindo este dever, poderei descobrir se Cristo me faz ser mais eu mesmo em tudo o que tenho de fazer, como aconteceu com Pedro e com Maria. A oportunidade que temos hoje é a de descobrir se Cristo é a presença que nos pode tornar felizes. Mas temos de fazer só uma coisa para descobri-lo: sermos nós mesmos. Este é o nosso único grande dever.

Dulcis Christe

Angelus

Via Sacra, Pigi Banna
30 de março, sexta-feira à tarde

Primeira estação

JUDAS, PEDRO, PILATOS: A NOSSA TRAIÇÃO

Jesus vai ser crucificado. Seguimos esta cruz na total impotência de Jesus. Por que não fala? Conhecia Judas muito bem, podia travá-lo e não o faz. Conhecia Pedro muito bem, podia travá-lo e não o faz. Era muito mais inteligente e muito mais poderoso do que Pilatos, mas não responde nada. Conhece muito bem as nossas traições, os nossos pecados, mas não nos condena. Por quê? Muitos têm uma pergunta parecida: «Onde está Deus? Por que deixou o nosso amigo morrer? Por que permitiu esta situação terrível na família? Por que não me deixa estar bem?» Acharmos que Deus não responde, que é impotente.

No fundo, o que são as cinco mil pessoas que estão aqui, em comparação com as 65 mil que correm para ir ao estádio? Um nada. O que são vocês, vindo aqui, em comparação com todos os vossos colegas de turma? Um nada. O que é o Tríduo, o que são os momentos mais bonitos da nossa vida, em comparação com a distração, com os nossos pecados, com os pensamentos que normalmente temos na cabeça? Um nada. Quando pensamos “um nada”, nós traímos-l’O, somos como Pedro, como Judas, como Pilatos. «É um nada, não fez nada!», se pensamos assim, podemos parar nesta estação. Pedro e Pilatos pararam nesta estação; para eles, tudo estava acabado. A nossa tentação é dizer: «O que serão os Liceus, o que será a Igreja, em comparação com a confusão que há no mundo?» Paramos e traímos-l’O.

Ou então, sem percebermos ainda tudo, podemos pôr-nos a caminho para ver como é que Ele responde, como mostra o Seu poder, morrendo. Não é uma questão retórica. Quem quer e não percebe o sentido deste gesto pode parar aqui, pensando: «Um homem que vai morrer assim é um impotente, não me adianta de nada para a vida». Mas quem quiser seguir esta cruz, quem quiser ver se ela tem algo para dizer à nossa vida, então pode pôr-se a caminho.

Vamos para a segunda estação em silêncio, para ouvir se Jesus tem alguma coisa a dizer às nossas perguntas. Seguimos alguém que vai morrer como um cordeiro inocente,⁵⁹ sem dizer quase nada. Por isso, é preciso o silêncio para poder ouvir a resposta, ficando junto de quem nos faz olhar para a cruz e não nos distrai.

Segunda estação

MARIA, SIMÃO, DIMAS: ATRÁS DA CRUZ

Maria seguia. Quantas vezes, no texto de Péguy que ouvimos, se repete este verbo: «Seguia, seguia...».⁶⁰ Mas também nós estamos a seguir, não nos detivemos na primeira estação.

Seguir custa um sacrifício. A Maria, custava o sacrifício das lágrimas. Ela, que era uma mulher de uma bondade extrema, de uma pureza reconhecida por todos, agora mostrava-se como uma «mendicante de piedade».⁶¹ Também nós, seguindo, fazemos o sacrifício de ficar em silêncio, como vocês ficaram até agora de uma forma impressionante. É um silêncio em que às vezes estamos simplesmente distraídos, em que não sabemos o que pensar, o que dizer, descobrindo-nos assim confusos e superficiais. E mesmo assim voltamos a seguir, a olhar para a cruz, a tentar andar atrás daquele homem para entender que resposta tem para nos dar. Assim, impressionou-me que as duas raparigas do coro que estavam a cantar *Ognun m’entenda*,⁶² enquanto no início estavam a olhar para a partitura, num determinado momento começaram a cantar aquele canto olhando para a cruz.

O verdadeiro sacrifício do silêncio não é tanto o obedecer – porque uma pessoa, esforçando-se, pode obedecer

⁵⁹ T.L. De Victoria, «Eram quasi agnus», em *Livrinho*, p. 60.

⁶⁰ Ch. Péguy, «O mistério da caridade de Joana d’Arc», em *Livrinho*, pp. 63-65.

⁶¹ Ch. Péguy, «O mistério da caridade de Joana d’Arc», em *Livrinho*, p. 65.

⁶² Anónimo, do Códice Ven. Marciana, sec. XV «Ognun m’entenda», em *Livrinho*, pp. 62-63.

de forma passiva –, mas é mostrar no silêncio a parte mais frágil de si. Para Maria, foi mostrar as suas lágrimas, mostrar-se diante de todos como uma pobre coitada que chora. Assim como para Simão, o Cireneu, foi mostrar-se diante de todos – ele, que era um bom trabalhador – como um amigo de Jesus, sem se envergonhar disso. E para o malfeitor, um homem de coração duro, que não tinha medo da cruz, era um sacrifício mostrar um coração de criança que diz a Jesus: «É verdade, fiz tudo errado, mas lembra-te de mim!». ⁶³

É deste tipo o sacrifício que nos é pedido nesta última estação em direção à morte de Jesus: olhar para a cruz e não só esforçarmo-nos para ficar em silêncio, mas carregar em silêncio tudo o que é mais pesado em nós, tudo o que nos dá mais vergonha de nós mesmos. Este é o verdadeiro sacrifício.

É o momento em que devemos confiar um amigo nosso, um doente querido, uma situação que não conseguimos resolver com as nossas forças, mas também uma situação de que nos envergonhamos, como Maria se envergonhava das lágrimas, como o ladrão se envergonhava de mostrar-se como um cordeirinho. Cada um tem a liberdade de aceitar esse sacrifício: poder mostrar-se pelo que se é, colocando-se a caminho atrás da cruz.

Terceira estação

ELE ESTÁ AQUI. ESTÁ AQUI COMO NO PRIMEIRO DIA

Ouviram a resposta de Jesus? Para quem não ficou parado, nem mesmo com o pensamento, na primeira estação; para quem, como vocês, O seguiu até à morte e no meio do sacrifício, levando-lhe as coisas mais pesadas da sua vida, foi possível ouvir a resposta de Jesus.

Ouviram-na? É aquele grito terrível sobre a cruz. Esta é a Sua resposta: «Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste?». ⁶⁴ Esta é a resposta de Cristo à nossa pergunta sobre onde está Deus nos momentos mais difíceis da nossa vida. Ele próprio carrega às suas costas a nossa dor e a nossa morte. Esta é a resposta de Cristo. Não é alguém que, com uma cirurgia plástica, remove a nossa dor, resolvendo as coisas com um estalar dos dedos; mas é alguém que pega na nossa dor, no nosso mal às suas costas e o carrega connosco, por nós.

Nenhum de nós teria nunca imaginado um Deus assim, e no entanto, no fundo, é aquilo de que mais precisamos. Vocês preferiam um Deus que tira a vossa fraqueza e sobe para o céu, ou um Deus que vos ama carregando consigo a vossa fraqueza? Este é o desafio da morte de Cristo. Assim o centurião, alguém que chegou no último momento – poderia ser alguém que durante toda a Via Sacra pensou noutras coisas –, vendo este homem morrer assim, diz: «Na verdade, este homem era Filho de Deus». ⁶⁵

Conclusão

No final desta Via Sacra, estou aqui como uma pergunta no coração: quem nos trouxe aqui, de novo, hoje? Quem preparou um espetáculo assim, também para nós mesmos, de novo, hoje? Quem nos torna tão unidos há dois mil anos? Nunca vamos acabar de conhecer até ao fundo a resposta, mas a primeira semente que se vê despontar é com certeza uma semente de felicidade. É este o desejo que vos deixo: deixem crescer esta pequena semente que começou a despontar na vossa vida. Não temam se o mundo parece ir para outro lado, não temam se a vossa vida parece ir para outro lado. Esta semente existe, continua a crescer há dois mil anos e alcançou também o vosso coração. Nos tempos e nas maneiras que Deus quiser, vai tornar-se a alegria da vossa vida.

Esta é a ressurreição de Cristo: uma semente que há dois mil anos arrancou as pedras daquele sepulcro e chegou até nós hoje.

⁶³ Cf. Lc 23,41-42.

⁶⁴ Mc 15,33.

⁶⁵ Mc 15,39.

Testemunho de Rose Busingye*

31 de março, sábado de manhã

Barco negro

Pigi Banna. Deviam ter visto as vossas caras enquanto ouvíamos o *Barco negro*.⁶⁶ As vossas caras lembravam-me da forma mais bonito, mais viva, os rostos de Pedro e João, representados no Manifesto.⁶⁷ Olhem para os olhos deles: podem encontrar muito daquilo que vocês viveram. Agora acendeu-se alguma coisa, alguma coisa começou a acontecer no vosso coração. É verdade: dói; é verdade: tu esqueces-te; é verdade: tu podes reprimilo. Mas existe, existe! Alguma coisa se acendeu! E quando todos dizem que acabou, que Jesus morreu, os olhos deles não podem acreditar: vive, deve estar lá, e correm ao sepulcro para perceber o que aconteceu. Também para vocês se abre esta questão: dar mais crédito aos vossos corações, ou ao medo de quem diz que está tudo acabado.

Angelus

Vi no Instagram o que vocês escreveram sobre as Laudes. Alguns acham que é apenas uma grande seca! Mas aceito o desafio! Há quem, durante as Laudes, se levante e saia para fazer uma pausa. Pior para essa pessoa! Quem faz as coisas pela metade, irá sempre perceber tudo pela metade. Vamos tentar rezar estas Laudes não como velhas queixosas, mas como homens que querem acordar; não como quem já sabe o que vai acontecer, mas como quem espera uma palavra. Vamos rezar, por exemplo: «Porventura pode uma mulher esquecer-se do seu filho?».⁶⁸ Infelizmente no mundo de hoje isso acontece, às vezes a mãe mata-o antes mesmo de nascer, no entanto, há alguém que não se esquece de nós. Então, não como as velhas, mas que a nossa oração seja como o vagido do recém-nascido, que chora porque diz: «Eu existo, estou neste mundo! E sou desejado!» Tentemos ficar, tentemos exteriorizar, como o choro do recém-nascido, o nosso grito.

Lodi

*Be thou my vision*⁶⁹

La canzone della Bassa

Alberto Bonfanti. Em primeiro lugar, quero fazer um agradecimento sincero a cada um de vocês pela forma como me ajudaram a viver o Tríduo Pascal, a ir atrás pessoalmente da Cruz de Cristo, a «dar-me conta de mim indo atrás de um Outro», como disse ontem à noite uma amiga. Vivemos um gesto. Não ouvimos apenas palavras e cantos, mas as palavras, os cantos, o caminho atrás da Cruz, a conversa entre nós foram gestos de amizade recíproca, nos quais cada um foi protagonista na medida da participação do seu coração, porque o seu coração era posto em causa como nunca diante da proposta destes dias. Um de vocês, ontem, disse: «Gozei o presente. Gozei aquilo que acontecia pela primeira vez, sem pensar no depois, sem pensar no que irá acontecer amanhã, no quanto e como serei capaz de aplicar na minha vida aquilo que de verdadeiro ouvi nestes dias». Saltei na cadeira quando ouvi esta afirmação. O que tornou isto possível? Esta é a pergunta mais verdadeira diante daquilo que vivemos. O que permitiu ao nosso amigo saborear o presente? O que permitiu a muitos de nós saborear o que acontecia, enquanto acontecia? É uma pergunta tão grande que não nos podemos contentar com

* Rose Busingye, nascida em 1968 em Kampala (Uganda), onde ainda vive, é enfermeira profissional especializada em doenças infecciosas; desde 1992, exerce a sua actividade com pacientes infectados pelo vírus HIV e outras doenças infecciosas. É o coração do *International Meeting Point* de Kampala.

⁶⁶ «Dizem as velhas da praia que não voltas. / São loucas! São loucas! // *Eu sei, meu amor, que não chegaste a partir / pois tudo em meu redor me diz qu'estás sempre comigo*) «A. Rodrigues, «Barco Negro», em *Livrinho*, pp. 85-86).

⁶⁷ E. Burnand, *I discepoli Pietro e Giovanni corrono al sepolcro il mattino della Resurrezione*, 1898. Paris Museu d'Orsay.

⁶⁸ Is 49,15.

⁶⁹ «Be Thou My Vision», antigo hino tradicional irlandês.

respostas formais, parciais. Muitos de nós podem assinar, inclusive eu, esta afirmação, não apenas por causa do que vocês disseram nas Assembleias, que tiveram tanta participação – numa Assembleia minha, pela primeira vez uma pessoa disse: «Já acabámos?», normalmente, depois de uma hora, alguém diz: «A reunião precisa de ser um pouco mais curta!» –, mas pela inclinação com a qual vivemos, com a qual vocês viveram, pela paixão com que os cantos foram feitos, pela paixão com que fomos recebidos na quinta-feira à noite, ontem de manhã e esta manhã pelos amigos que tocaram para nós, para nos receber. Percebe-se o prazer de muitos, também no serviço alegre e atento de todos os nossos amigos do serviço de ordem, pela atenção real e não disciplinar – até porque agora, graças a Deus, vocês já não conseguem ter uma atenção disciplinar – com a qual acompanharam as meditações, os cantos, a Via Sacra; uma atenção que comoveu também muitos adultos (e não é fácil comover os adultos), atenção visível nos olhos, que eram como os olhos de Pedro e João, mais ainda nos olhos do que nas vossas palavras. «O que tornou isto possível?»: esta é a pergunta fundamental, decisiva, que cada um de nós deve levar no coração e da qual surgem também todas as outras perguntas que vocês enviaram, tudo perguntas que demonstram uma vez mais a vossa atenção e a pertinência da proposta que nos foi feita; são todas perguntas que devem ser conservadas, porque são a brecha através da qual Deus, este Tu que enche o nosso coração com a Sua ausência, quer entrar no nosso coração. «O que tornou tudo isto possível?»: só estando diante desta pergunta com tudo de nós mesmos, poderemos encontrar a resposta a todas as outras questões dentro da nossa experiência e não como uma explicação lógica com a qual – mais frequentemente os adultos, mas um pouco, todos – tentamos «abafar» as perguntas mais verdadeiras, quase como se fôssemos como o Aristóteles, o cão do Pigi. Entre todas as questões que surgiram e que vocês enviaram, seguramente a mais decisiva é a falta que cada um de nós sente. Um amigo de Milão formulou assim esta questão, que apareceu em tantos: «Como é que faço para olhar para a minha falha como um recurso e não como uma condenação?» Cada um de nós, estando diante da pergunta «O que é que estes dias nos permitiram saborear no presente?», pode encontrar não uma resposta lógica, mas identificar um caminho sobre o qual caminhar para viver esta relação dramática com o nosso coração.

É a mesma pergunta que queremos fazer à nossa amiga Rose, que veio do Uganda especialmente para nos contar a sua experiência.

Mas, antes, queria ler-vos o contributo que, também este ano, não deixou de nos enviar o nosso amigo Julián Carrón, para que cada um de nós possa julgar a pertinência daquilo que ele nos diz àquilo que vivemos nestes dias e que Rose nos testemunhará com a própria vida, com as perguntas mais verdadeiras que surgiram diante da proposta que vivemos nestes dias. «Caros amigos, não consigo pensar em vocês sem me comover, identificando-me com o momento tão bonito e tão dramático que vocês atravessam na vossa idade. Como gostaria de estar perto de vocês! É um período em que vem ao de cima «o mistério eterno do nosso ser» de que fala Leopardi. Sei que às vezes o aparecimento nas vossas vidas deste grande mistério vos desconcerta, de tal forma transborda por todos os lados, de tão imenso que é, a ponto de não conseguirem dominá-lo. «Quem és tu, que enches o meu coração com a tua ausência?», diz Lagerkvist. Mas é precisamente a possibilidade de perceber essa ausência, este “mistério do nosso ser”, o recurso mais importante que vocês receberam, como um presente dado à vossa natureza de homens: o detector para descobrir aquilo que responde realmente à vossa espera. Ernesto Sabato entendeu-o bem: «A nostalgia desse absoluto é como um pano de fundo, invisível, incognoscível, mas com o qual medimos toda a vida». Fico sempre espantado quando penso que Jesus apostou tudo no coração dos dois primeiros que encontrou nas margens do Jordão, no coração como critério de juízo: «Vinde e vede». Falando-lhes assim, Jesus reconheceu que tinham a capacidade de entender aquilo que respondia ao seu desejo ilimitado de felicidade, tornando-os conscientes da sua própria dignidade. Ao mesmo tempo, colocou-os perante um desafio sem comparações: não podiam fazer batota. Nem com o coração deles, nem com aquilo que lhes corresponde, uma vez encontrado. Convidando-os a ir com Ele, ofereceu a João e André a possibilidade de descobrirem o alcance da Sua amizade, tão decisiva para alcançarem a felicidade que procuravam, sem Se substituir à liberdade deles. Aliás, desafiando-a como mais ninguém poderia ter feito, de tanto que a atração da Sua presença encurralava o coração deles. Desafio-vos a encontrarem uma aventura mais fascinante do que esta!

Boa Páscoa. O vosso companheiro de caminho. Julián.

Agora ficamos atentos, para ouvirmos a experiência e o testemunho da nossa amiga Rose.

Rose Busingye. Bom dia a todos! O meu italiano não será perfeito, porém o meu coração arde, quase que tenho vontade de chorar olhando para os vossos rostos. Como diz o Julián: os conceitos tornam-se carne e sangue, Cristo. Vendo cada um de vocês, vossos rostos, tenho a certeza de uma coisa: há uma mão que O traz até nós agora. Ao ver esta multidão – não sabia que ia encontrar tanta gente – quase que me assustei. Mas esta mão que O traz até nós agora – que se torna Sua carne e Seu sangue que corre nas nossas veias, que nos dá a vida – torna-nos numa só coisa. Eu teria vergonha de estar aqui para dizer apenas palavras, porém Ele está aqui. Foi justamente isso o que me comoveu, porque com a vossa idade, teria talvez doze anos, «encontrei» esta palavra: Ele fez-se carne. Porque quando encontrei o Movimento, eu realmente não sabia o que era CL, porém, lendo que Deus se fez carne corri até ao padre do Movimento e perguntei-lhe: «Mas esta carne tem a ver com a minha carne?», e ele respondeu-me: «Sim, porque Deus veio para ti e para mim que somos incapazes, frágeis, nada. Porque se fôssemos capazes, tínhamo-nos tornado no próprio Deus e não teria sido importante Deus descer à Terra». Para mim, a partir daquele momento, a vida começou a ser interessante, e Deus também. Porque antes eu pensava que Deus era para os homens que são capazes, como a minha mãe, que me convidava para rezar o terço à noite e eu adormecia e ela acordava-me no «Pai Nosso» e eu dizia: «Ave Maria». Então pensava: «Eu não tenho espaço no coração de Deus», só há espaço para os meus irmãos e para a minha mãe. Assim, vivi pensando que não era digna do coração de Deus porque Deus era tão puro e uma pessoa como eu não tinha nenhuma possibilidade de alcançá-lo. Que Deus se tornasse carne da minha carne parecia-me quase uma blasfémia. Eu sabia quem era. Entrar no coração de Deus parecia-me uma coisa do outro mundo.

Aos dezanove anos, quis conhecer Dom Giussani, porque naquele momento parecia realmente que a vida se tornava interessante, Deus tornava-se interessante também para mim, enquanto antes Ele era da minha mãe e dos meus irmãos. Quando conheci Dom Gius e lhe falei do meu nada, tinha acabado de ler uma entrevista dele sobre os *Memoires Domini* onde a primeira frase era: «Aqueles que vivem a presença de Cristo em todos os aspectos das suas vidas». Bolas, disse para mim mesma, também no meu nada! Voltei para a escola, estudei. Tinha um fogo aceso que ninguém podia apagar, então fui ter com um padre e disse-lhe: «Posso ir ter com Dom Giussani?» e ele deixou-me ir. Eu pensava: «Jesus, só Te quero a Ti». E fui encontrar-me com Dom Giussani. Quando cheguei, ele perguntou-me: «Amas Jesus?» Eu disse: «Sim, sim, isso sim». «Queres dar-lhe a tua vida?» Eu disse: «Não». E ele perguntou-me: «Por quê?» Eu disse: «Olha, Dom Gius, eu não tenho nada na vida para dar a Jesus, mas quero que Ele tome até o nada que sou». Ele deu um murro na mesa e disse: «Diz isso a toda a gente, sempre! Diz a toda a gente, porque todos pensam que dão algo importante a Jesus e, assim, durante toda a vida, é como se a pessoa esperasse a recompensa, mas é Ele que toma uma coisa que era nada e a salva». Então, comecei a falar da minha vida e ele disse-me: «Olha, Rose, ainda que tu fosses o único homem sobre a terra, Deus teria vindo na mesma por ti, por este único homem». Depois, parou um momento, e disse: «Não, veio por ti, porque diante de Deus cada homem é único, é como um primogénito, um filho único. Veio por ti. Morreu por ti, para que o teu nada não se perdesse e estará contigo todos os dias até ao fim do mundo». Para mim, foi aí que as coisas deram uma reviravolta. A minha vida foi como que..., em inglês diz-se *upside down* (virada de cabeça para baixo, invertida), totalmente, até no modo de pensar em todas as coisas: o modo de pensar o beber, o comer, o modo de pensar nos amigos. Foi exatamente aí que minha vida ganhou uma dignidade, uma beleza, como dizia Dom Giussani, com B maiúsculo. Foi então que todas as coisas ganharam um valor, uma densidade, como se Deus me tivesse dito: «Tu és minha». Dom Gius não me conhecia, era a primeira vez que me encontrava, e eu pensava: mas o que será que viu em mim? Era evidente que eu ainda era nada, porém senti-me abraçada e querida. Era como se o seu olhar me dissesse: «Quero estar contigo. Tens um valor infinito». Daquele olhar, nasceu tudo. Naquele olhar, de facto, descobri que não sou definida pelos meus limites, mas pela relação pessoal com que Deus me faz ser e me constitui como um desejo infinito d'Ele.

Naquele olhar, a pertença a Cristo e à Igreja tornou-se a experiência de um laço que me define para sempre e que se manifesta em tudo aquilo que sou e que faço. Comecei a entrever um significado para a minha vida. Foi como se uma luz iluminasse tudo. Comecei a descobrir a verdade da minha vida e, daí, começou uma atração, uma ternura pela minha própria vida e pela vida dos outros. Comecei a viver. Comecei a viver e a trabalhar verdadeiramente, porque soube responder concretamente à pergunta: «De quem sou?» Esta pergunta teve como resposta rostos concretos, com nome e apelido. Tornei-me livre. Paradoxalmente, tornei-me livre pertencendo, tendo um laço. Quando és livre, podes finalmente estar diante de toda a realidade sem medo, podes enfrentar tudo porque sabes de quem és. Quem é livre não pretende mais nada dos outros, porque já tem tudo. Senti-me livre, grande e protagonista da realidade porque Dom Gius me revelou quem eu sou. Com o seu olhar, estabeleceu o conteúdo e o método do meu trabalho: comunicar a comoção pela grandeza infinita da existência de cada um e oferecer a mesma companhia ao destino que abraça a minha vida.

O meu trabalho, agora, é deixar que venha ao de cima, que fique claro o valor do indivíduo, e assim posso oferecer uma amizade pontual à qual todos podem pertencer porque o eu que pertence, quando tem um laço, quando tem um rosto para olhar, quando adquire uma consciência unificante de si e da realidade, torna-se protagonista. Se tu ter tornas o senhor da realidade não é porque possuis a realidade, mas porque reconheces que dependes de um Outro e de um desígnio que não é teu.

Ontem, um de vocês fez-me uma pergunta. Para mim, foi como um despertar, e conto-vos porquê. Certa vez, levei os meus meninos, da vossa idade (cerca de sessenta), para fazer um safari. Não pensem que nós, quando saímos do quarto, encontramos um elefante ou um leão. Também nós vamos à procura deles! Assim, partimos (uma viagem de oito horas) à procura dos leões e dos elefantes e, finalmente, encontrámo-los. Eu estava muito feliz porque vimos muitos leões, elefantes, girafas, e pensei: «Missão cumprida!» Na volta, uma menina, a Michelle, começou a chorar; chorou no autocarro durante toda a viagem de volta. Perguntei-lhe: «Estás com fome?», «Não», «Morreu alguém?», «Não», «Estás doente?», «Não. Estou triste. Estou a ver que vocês estão felizes, mas eu estou triste». Parecia mesmo deprimida. No entanto, eu tinha preparado tudo para que todos ficassem felizes. Ela chorou durante toda a noite, não dormiu. Então, eu afastei-me e liguei para o Carrón: «Olha, preparei tudo, vimos elefantes, leões, vimos tudo, mas há uma menina aqui que está a chorar». E ele disse-me: «Mas querias encher o coração da miúda com um elefante? Um elefante será grande, mas nem um elefante pode matar a sede do nosso coração». De facto, é por isso que onde trabalho usamos a imagem de Matisse, o *Ícaro*. Queria que todas as pessoas que chegam pudessem olhar para o coração vermelho, um ponto pequeno, um pontinho que quase parece nada, porém, como os vossos professores vos devem ter explicado, é o ponto que exalta o quadro, representa um ponto dentro do homem; o homem seria nada: eu que pareço nada diante da minha pobreza, o homem diante da sua doença – como a que temos em África, mas vocês também a têm aqui –, diante da nossa mesquinhez, diante do nosso nada. No entanto, aquele ponto, aquele pontinho que parece um sopro, ao qual não prestamos atenção, é indelével, à semelhança de quem nos atrai para dentro d’Ele.

Assim, vi acontecer com os outros aquilo que aconteceu comigo. Por exemplo, havia uma mulher que fugiu dos rebeldes e chegou até nós desfigurada, física e emocionalmente, pela violência que sofreu. Reencontrou-se a si mesma quando eu lhe disse: «Tu não és o horror que te aconteceu. Tu tens um valor infinito que vem de Deus, que te faz existir e te ama». Um dia, hospedamos onze jovens de Eichstätt, na Alemanha, com os seus três professores. Preparámos um momento de testemunhos e danças. Eu trabalho na lama, nos lugares mais pobres da cidade e, naquela manhã, um dos professores vestiu uma camisa de linho branca. Eu olhei para ele e disse: «Meu Deus!» Quando chegamos ao local onde as mulheres estavam (depois gostaria de lhes mostrar o vídeo), elas arrastaram todos para dançar; era uma dança com tambor, e o professor, esquecendo-se das suas roupas elegantes, deixou-se envolver pela onda de dança e música. Depois, todos suados, saíram e sentaram-se, e as mulheres começaram a dar os seus testemunhos, falando de si mesmas. Tínhamos quase terminado quando uma mulher, a Tina, outra das minhas pacientes (eu trabalho com doentes de com SIDA e os seus filhos), que não era suposto falar, a um certo ponto levantou-se – uma mulher assim pequenina – e, indo ter

diretamente com esse professor elegante, disse-lhe: «Excuse me, Sir, are you free?» E ele – via-se que não tinha percebido – olhou à volta, mas ela insistiu: «Tu és livre?» E ela, quase como um desafio, afirmou: «Eu sou, eu sou». E disse: «Olha, perdi o meu marido há dois meses com SIDA. Eu também estou doente. Vou morrer em breve. Estás a ver? Os medicamentos não estão a resultar», e mostrava as feridas do seu corpo, «mas eu sou livre, eu sou livre!» Parecia que estava a brincar, mas não podia ser uma brincadeira vendo como ela mostrava as suas feridas. E continua: «O meu filho foi aos Exercícios do Carrón, e o Carrón disse-lhe que eu sou a morada onde o Mistério habita. Esta é a minha identidade. Eu sou livre, eu sou livre, eu sou livre, e tu, és livre?» Eu participei naqueles Exercícios e eu e o Nacho tentávamos traduzi-los para inglês. Olhando para ela, disse a mim mesma: «Ela chegou lá antes de mim!» Que raiva... O senhor alemão pode não ter percebido, na verdade não percebeu o que ela disse, mas aquela pergunta era dirigida a mim. Naquela manhã tinha ido à missa, tinha feito silêncio, tinha traduzido aquelas palavras em inglês, mas como é possível que aquela pequena mulher, doente, que dorme numa esteira no chão, come uma vez por dia, como é possível que ela tenha chegado lá antes de mim? Era justamente esta liberdade, esta identidade onde o Mistério habita, que eu queria para mim naquele momento, porque o Mistério, como diz o Carrón, é o que torna o homem, homem. Somos homens, mas mais homens porque é Ele que nos faz. Naquela manhã, gostaria de ter sido eu a chegar lá primeiro.

Onde eu moro, antes da descoberta do valor das suas vidas, as minhas mulheres não tomavam os remédios, diziam: “No fim, a vida é inútil. Porque havemos de nos tratar?” Tinham SIDA e deixavam os dias correr. Eu comprava os remédios, e encontrava-os em cima da mesa. Mas depois de terem descoberto o valor das suas vidas, os jovens e os adultos para os quais a vida não tinha sentido agora sabem que a sua existência e a de todos tem uma grandeza infinita e estão ligados para sempre a uma companhia que os ajuda a viver à altura desta dignidade.

Aquilo que eu faço não é um acrescento à minha vocação de *Memores*, mas vem do facto de que eu sou afetivamente realizada. O que dou aos outros é a superabundância da minha relação com Cristo num lugar concreto. É um florescimento da minha vocação, é a abundância da plenitude da minha pertença aos *Memores Domini*, a descoberta de uma paternidade em ação dentro das coisas que acontecem no meu dia, na minha vida.

Uma vez, Dom Giusani disse-me: «Se a tua relação com Cristo é verdadeira, se tu és verdadeira, o teu trabalho brotará até das pedras. Podem prender-te numa cela, mas se tu fores verdadeira com Ele, até as pedras começarão a cantar». E acrescentou: «Mas se a pessoa não pertencer, enche o seu vazio com um fazer, o vazio que nunca conseguiu preencher. Preenche a sua afetividade não realizada com um fazer, mas, depois, este homem torna-se um conjunto de reações. A atração original decai numa estranheza, no orgulho, numa pretensão de medir ele as coisas, mas isso deixa-o na confusão e na insegurança. Perde o valor de si e de todas as outras coisas, e assim, a sua personalidade entra em crise». Depois, segurou na minha mão e disse: «Sabes, Rose, a novidade do mundo acontece se o homem pertence, porque no pertencer tudo muda. Disso nasce uma sociedade, uma civilização nova».

Eu poderia acabar aqui, porque está tudo aqui, mas quero dizer uma outra coisa, pequena. Na vida, não basta uma investigação existencial, um medir-se, não basta sequer uma reação instintiva, porque isto não nos faz sair da confusão que caracteriza os nossos dias e não faz emergir o meu rosto, o vosso rosto. Aquele pontinho de que falávamos, o coração de Ícaro, é como um grãozinho, é como poeira, pequeno, aquele pontinho vermelho do Ícaro, este nada que eu sou não consegue ser ele mesmo sem pertencer. Sem pertencer, agarramo-nos aqui e ali, ao que acontece, àquilo que conseguimos entender, mas, com o tempo, como diz o Carrón, isso deixa-nos um amargo na boca.

Um dia, estava a ir para Madrid para dar um testemunho numa Jornada de Início de Ano: «Viver intensamente o real». Fui à embaixada italiana, e deram-me o visto de entrada. Os meus amigos tinham reservado a minha passagem: do Uganda para Amsterdão, de Amsterdão para o aeroporto de Malpensa, de Malpensa para Paris, de Paris para Madrid. Estava irritadíssima, irritadíssima! Vocês já se irritaram? Tudo me incomodava.

Não queria estar com ninguém, estava encolhida. De manhã bem cedo fazia frio em Malpensa, eu estava a jogar no telemóvel e pensei: «Vou ver se o Carrón está acordado». Telefonei. Ele atendeu: «Como vais?». Eu respondi: «Estou irritadíssima. Tudo me incomoda. Estou confusa». E continuei: «Tu disseste-nos no Início de Ano: “Viver intensamente o real”, mas o que é que eu estou a viver neste momento?». Ele respondeu: «Olha para a realidade com os olhos de Cristo». E eu: «Disse-te que estou irritada. Tudo o que passa à minha frente me incomoda. Não estou a olhar para a realidade, talvez Ele esteja a olhar para ela, mas eu não». E ele: «De facto. Os olhos de Cristo que olham para realidade estão também a olhar para ti». «Bolas!». Sabem como é quando se acende uma luz? Levantei-me e disse: «Agora acabei de viver intensamente o real», mesmo estando naquela situação, tão irritada. Não sou eu que olho para a realidade com os olhos de Cristo, basta reconhecer que os olhos de Cristo que olha a realidade, estão também a olhar para mim. Depois desta descoberta, entrei no avião para Paris como uma princesa. Obrigada.

Banna. Obrigado Rose! Vocês fazem bem em aplaudir também quando vos enquadram, porque cada um de vocês tem um coração grande como o da Rose. Ainda que às vezes não pareça verdade, ainda que às vezes pareça doer, é possível para todos viver como ela, com um coração grande como o da Rose. O Carrón escreveu-nos na sua mensagem: cada um de nós traz consigo um *detector*, o coração. É por causa deste coração que uma pessoa lê um artigo e vai a correr falar dele a um amigo; está irritada e liga para pedir ajuda; descobre uma coisa e vai perguntar, descobre que é um nada e pergunta: «Há alguém que toma este nada que eu sou?»

Graças à Rose, entendemos o que significa usar o coração e não batota. Se uma pessoa está irritada, diz: «Estou irritada», não tem medo de dizê-lo. Se uma pessoa os elefantes e está triste, não tem medo de dizê-lo. Olhem mais uma vez para os olhos de Pedro e João: correm, correm para o sepulcro porque uma mulher lhes disse: «O túmulo está vazio», e eles querem ir ver.

Muitos de vocês nos testemunham o que significa usar o coração. Os amigos de Marche, por exemplo, prepararam uma noite em que cada um trouxe o que mais lhe apaixonava: uma peça de rap, um quadro, uma poesia. Todos passaram a noite a ouvir, em silêncio. Há um lugar, e é este, em que uma pessoa pode deixar vir ao de cima o coração, aquele quase nada, aquele pontinho vermelho do *Ícaro* de Matisse, que é a nossa grandeza. E não há assim muitos lugares neste mundo onde se possa mostrar o coração sem fazer batota.

Conhecemos as nossas objeções: «Sim, mas faz doer, por que razão dizes que o coração é um recurso?»; «mas estou sozinho, estou abandonado, sou o Calimero, sou pequeno e negro». Tudo bem, tudo bem! Mas, não importa qual é a nossa objeção, não podemos apagar o nosso coração! Ou preferem viver como amebas? Não podemos apagá-lo, não podemos apagá-lo! Este é o facto mais extraordinário: que ele existe, que existe! Por mais que tentemos apagá-lo, existe. E existe também um lugar que te fez olhar como Pedro e João, nunca mais na vida o podes esquecer, existe! Esta lealdade com o vosso coração, para ver e para descobrir, é a primeira grande coisa que desejo para vocês.

A segunda coisa, o segundo grande desejo que tenho para vocês para a Páscoa retoma aquilo que a Rose dizia sobre o pertencer. Dissemos isso de muitas maneiras nestes dias: qual é o risco? Que assim que uma pessoa não percebe, assim que tem medo do coração, foge. Vamos ver um vídeo das mulheres da Rose.

[projeção do vídeo das mulheres da Rose]

Busingye. A mulher dizia que, quando os seus a abandonaram, ela pensava que nunca mais ninguém a abraçaria, mas quando chegou, alguém lhe disse: «Bem-vinda. Estás em tua casa. Tens um valor infinito». Mas ela não acreditava, e dizia: «Até os meus familiares me abandonaram. Quem são estes que me podem abraçar?» Agora, no entanto, nem parece que está doente. Quando chegou, recomeçou, como um avião que levanta, agora é ela que recebe as pessoas e dá testemunho sobre como era antes. E diz de si mesma que é maior do que a doença, que é maior do que o vírus, mais, diz que o seu valor expulsou o vírus, o esmagou.

Banna. Pensem que também vocês, como esta mulher, podem olhar assim para o vosso professor de

matemática e dizer-lhe: «Posso ter tirado um quatro, mas posso dizer-te, graças ao que vivi, que também tu tens um valor. Não te preocupes, tu não estás reduzido a ser um pobre professor de matemática, há uma esperança também para ti que vem daquilo que eu encontrei». O que nos pode fazer olhar assim para os nossos colegas, os nossos professores e os nossos pais, como aquela mulher olhou para o professor alemão?

Busingye. Essas mulheres gostariam que os seus filhos, aprendendo matemática, aprendendo história, descobrissem o seu valor, e diziam: «Os nossos filhos vão a outras escolas, mas não descobrem o que nós descobrimos». Então, um dia, disseram-me: «Nós queremos uma escola para os nossos filhos». Respondi: «Olhem, se eu tiver de construir alguma coisa, será uma clínica ou um hospital». E elas: «Não, tu vais educar um médico, vais educar também uma enfermeira, queremos uma escola». E eu: «Não, não tenho dinheiro». E elas: «Está bem, não te preocupes». Começaram a partir pedras e a fazer colares. A SIDA ajudou-nos, venderam quarenta e oito mil colares aqui na Itália e construíram a primeira parte da escola. E disseram-me: «Queremos que os nossos filhos, aprendendo matemática, descubram o seu valor». Eu disse: «Quem vai conseguir?» Mas, aos poucos, vemos que está a funcionar. Agora, temos seiscentos jovens com a vossa idade no liceu, e outros quatrocentos e cinquenta no ensino básico.

Banna. Há uma esperança para todos! Se uma pessoa levar a sério o seu próprio coração, descobre pessoas com quem pode construir algo de novo, não porque se torna melhor. A pessoa continua doente, pobre, mas se coloca aquele pouco, aquele nada que tem, poderá descobrir que o pouco ou nada que tem, tem um valor infinito. A bem ver, todos nós que aqui estamos podemos viver a verdadeira escola nova, a verdadeira esperança para a nossa vida e de nossos companheiros, porque, como dizia a Rose antes, quando a pessoa encontra um lugar ao qual pertence, então torna-se livre. Também para Pedro e João, a vida foi transformada por esta pertença. Em relação a isso, fiquei impressionado quando reli um episódio dos Atos dos Apóstolos⁷⁰ no qual Pedro e João, depois da ressurreição de Jesus, encontram um pobre aleijado sentado no chão, e olham para ele. O homem espera que lhe deem dinheiro, porque o olham como se quisessem fazer alguma coisa por ele e, no entanto, assim como a Rose, dizem-lhe: «Olha que nós somos pobres como tu, não te podemos dar nada». Da mesma forma, nós vamos ter com os nossos colegas e os nossos pais e dizendo: «Não é que depois de três dias de Tríduo eu seja melhor do que tu, sou pobre como tu, mas tenho uma coisa para te dizer (a mesma coisa que Pedro disse àquele pobre coitado): “Vem connosco, em nome de Jesus Cristo, levanta-te e anda, levanta-te e vem comigo”». ⁷¹ É isso o que vocês podem dizer a toda a gente. Como as mulheres de Rose o disseram ao professor alemão, vocês podem dizê-lo aos vossos professores e aos vossos amigos: «Olha que eu sou pior do que tu, mas encontrei um lugar que te pode ajudar. Levanta-te e anda». Usando o coração, podemos descobrir um lugar assim, que nos torna livres, livres para ir ao encontro de tudo e de todos, para o qual podemos convidar todos porque há uma riqueza que escancara as portas, arreventa os sepulcros. É o poder de Cristo Ressuscitado.

Vinha-me à cabeça, enquanto ouvia a Rose falar da pertença que liberta, o facto de que cada um de nós deve responder à pergunta: «De quem sou eu?» Quando souberem quem são, não se tornarão melhores, mas quando responderem à pergunta «De quem eu sou?», poderão conquistar o mundo. Na Sicília (a minha terra natal) há uma expressão que se usa quando estás no meio de uma discussão acalorada e precisas de te afirmar: «Tu sabes com

⁷⁰ Cf. At 3,3-8.12.15-16: «[Um homem, aleijado desde o nascimento, quando viu Pedro e João entrarem no templo, pediu uma esmola. Pedro, com João, olhou bem para ele e disse: “Olha para nós!” O homem ficou olhando para eles, esperando receber alguma coisa. Pedro então disse: “Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho eu te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda!” E tomando-o pela mão direita, Pedro o levantou. Na mesma hora, os pés e os tornozelos do homem ficaram firmes, ele saltou, ficou de pé e começou a andar. E entrou no templo junto com Pedro e João, andando, saltando e louvando a Deus. [...] Vendo isso, Pedro dirigiu-se ao povo: “Homens de Israel, por que estais admirando o que aconteceu? Por que ficais olhando para nós, como se tivéssemos feito este homem andar com nosso próprio poder ou piedade? [...] Aquele que conduz à vida, vós o matastes, mas Deus o ressuscitou dos mortos, e disto nós somos testemunhas. Graças à fé no nome de Jesus, este Nome acaba de fortalecer este homem que vedes e reconheceis. A fé que vem por meio de Jesus lhe deu perfeita saúde, à vista de todos vós.”]; cf. *Livrinho*, pp. 89-90.

⁷¹ Cf. *Livrinho*, pp. 89-90.

quem estás a falar?», como que a dizer: «Tu não sabes com quem estás a falar. É bom teres respeitinho». Esta é, de algum modo, a postura com a qual normalmente nos tratamos: «Tu não sabes quem eu sou!» Fica aí no teu lugar, tu tens dezanove anos, não podes entrar para o Grupo Adulto – diziam à Rose; fica no teu lugar: tu tens muitos problemas psicológicos – dizem os adultos; fica no teu lugar: vais mal na escola; fica no teu lugar: és feio como o diabo; fica no teu lugar porque tu não sabes quem eu sou.

Na minha opinião, esta atitude está bastante espalhada. A Ressurreição dá uma resposta a esta mentalidade: embora sejas uma nulidade, cheio de problemas e vás mal na escola, apesar disso, podes levantar a cabeça e responder: «E tu, por teu lado, não sabes de Quem eu sou». Esta é a verdadeira novidade. Tu achas que já sabes quem eu sou, mas não sabes de Quem eu sou. É este pertencer que dá riqueza, dá esperança, dá vida à minha vida. Por isso, não me deixo dominar por ti, mesmo que me chantageies com uma nota, mesmo que me chantageies com um beijo, mesmo que me chantageies com uma amizade, ainda assim, eu desafio-te: «Tu não sabes de Quem eu sou; vem comigo porque talvez também precisas de um pouco desta liberdade».

A nossa vida continua e sabem qual é a vossa “desgraça”? Que continua. Vocês pensam que acaba aqui, mas nós há dois mil anos que estamos aqui, sem dar tréguas ao vosso coração. Nós continuamos a existir, a dizer-vos: «Querem ser dos nossos? Venham e vejam. Usem o coração e vejam se isto vos torna mais livres». ⁷² O desafio continua e nós continuaremos a não vos dar tréguas. Desde o dia em que ressuscitou, Cristo continua a fazê-lo. Por isso, despedimo-nos cantando *Cristo risusciti*. ⁷³ É esta a vida que se manifestou, esta liberdade que deve ser levada a todo o mundo.

Cristo risusciti

Temos de voltar para casa. O coro preparou-nos um presente. Esta manhã prepararam o *Regina Caeli*, ⁷⁴ que a Igreja canta durante todo o período da Páscoa. A força que expressa é aquela de quem vem para derrubar os muros em que nos isolamos e nos estende uma mão, como nos dizia a Rose.

Regina Caeli

Boa Páscoa para vocês e para as vossas famílias e bom regresso!

(© 2018 Fraternidade de Comunhão e Libertação)

⁷² Cf. Jo 1,39.

⁷³ G. Stefani – Anónimo, «Cristo risusciti», em *Livrinho*, p. 91.

⁷⁴ «Regina Caeli», em *Livrinho*, p. 95.